



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

JANAINA DE CARVALHO NETO

**A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no
ambiente escolar: momentos de escuta**

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Janaina de Carvalho Neto

3. Título do trabalho

A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no ambiente escolar: momentos de escuta

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Matias Freire, Professor do Magistério Superior**, em 22/05/2023, às 08:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Janaina De Carvalho Neto, Discente**, em 25/05/2023, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3766599 e o código CRC 4D0B0598.

JANAINA DE CARVALHO NETO

**A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no
ambiente escolar: momentos de escuta**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientadora: Professora Dra. Silvana Matias Freire.

GOIÂNIA
2023

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática
do Sistema de Bibliotecas da UFG.**

Carvalho Neto, Janaina de

A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no
ambiente escolar: momentos de escuta [manuscrito] / Janaina de
Carvalho Neto. - 2023.

96 f.

Orientador: Profa. Silvana Matias Freire.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. . I. Freire, Silvana Matias, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos três dias do mês de maio do ano 2023, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa da Dissertação** intitulada **A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no ambiente escolar: momentos de escuta**, e do Produto Educacional intitulado: **Escola: um lugar para o sujeito**, pela discente **Janaina de Carvalho Neto**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Silvana Matias Freire (CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Letícia de Souza Gonçalves (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Alexandra Almeida de Oliveira (FL/UFG) - membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Matias Freire, Professor do Magistério Superior**, em 08/05/2023, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Letícia De Souza Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 09/05/2023, às 19:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Almeida De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 11/05/2023, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3646722** e o código CRC **B67FBDf2**.

CARVALHO NETO, Janaina de. **A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no ambiente escolar: momentos de escuta.** 2023. 98f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

O tema desta pesquisa envolve os aspectos subjetivos dos estudantes e suas implicações no ambiente escolar. Orientada por um currículo e com o objetivo de cumprir os programas estabelecidos, a escola constrói suas práticas pedagógicas em torno do sujeito do conhecimento. Desde Freud (1900) sabe-se que cada sujeito carrega como marca sua singularidade, que vai indicar os rumos que ele tenderá a seguir ao longo da vida, bem como sua forma de se relacionar com os objetos no mundo. A escola que está tensionada à uma lógica de produção de resultados, acaba por ignorar as peculiaridades desse sujeito, exigindo a todos um enquadramento nos parâmetros estabelecidos pelo discurso da produtividade, o que resulta muitas vezes em desconsiderar às subjetividades dos estudantes e de sua interferência em seu processo de aprendizagem. Pensando sobre a implicação subjetiva dos estudantes no contexto escolar, o presente estudo tem como objetivo analisar a interferência desses aspectos na escola e como a sua expressão pode permitir aos estudantes uma reflexão sobre aquilo que lhe é próprio, bem como sobre a experiência proporcionada pelo percurso escolar. O referencial teórico de sustentação da pesquisa foram os estudos de Rivaldo Voltolini (2011) e Maria Cristina Kupfer (2013) acerca da intersecção entre Psicanálise e educação. A metodologia teve como modelo a pesquisa-ação, na qual participaram os educandos de uma escola da Rede municipal de Goiânia, da segunda etapa do Ensino Fundamental. Foram realizadas entrevistas com os estudantes selecionados, bem como a produção de um diário de bordo escrito pelos estudantes e encontros de discussão em grupo com os participantes. O desenvolvimento desta pesquisa do Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica, subsidiou a criação do produto educacional: Escola: um lugar para o sujeito, uma atividade de extensão cuja proposta é, a partir de momentos de escuta, a abertura de espaços para que a singularidade possa imergir na escola.

Palavras-Chave: Subjetividade. Ambiente escolar. Escuta.

CARVALHO NETO, Janaina de. The subjectivity of students and their possible interference in the school environment: moments of listening. 2023. 98f. Dissertation Thesis (Master Degree in Basic Education Teaching) – Postgraduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This dissertation is entitled “The subjectivity of students and their possible interference in the school environment: moments of listening”. The proposed reflection is oriented to a curriculum and has the objective of fulfilling the programs. It is understood that the school built its pedagogical practices around the subject of knowle. Since Freud (1900) it has been known that each subject bears his uniqueness as a mark, which will indicate the rumors that he will tend to follow throughout life, as well as his way of relating to objects in the world. The school, which is tense to a logic of producing results, ends up ignoring the peculiarities of this subject, experienced by all within the parameters achieved by the productivity discourse, which often results in disregarding the subjectivities of the students and their interference in your learning process. Thinking about the subjective implication of students in the school context, the present study aims to analyze the interference of these aspects in school and how their expression can allow students to reflect on what they are, as well as on the experience provided by the course. school. The theoretical framework supporting the research were the studies by Rivaldo Voltolini (2011) and Maria Cristina Kupfer (2013) about the intersection between Psychoanalysis and education. The methodology was modeled on action research, in which students from a school in the municipal network of Goiânia, in the second stage of Elementary Education, participated. Interviews were carried out with the selected students, as well as the production of a logbook written by the students and group discussion meetings with the participants. The development of this research from the Graduate Program in Teaching in Basic Education, subsidized the creation of the educational product: School: a place for the subject, an extension activity whose proposal is, from moments of listening, the opening of spaces so that singularity can emerge in the school.

Keywords: Teaching and learning. Language. Mother tongue. Teacher training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Segunda parte da entrevista.....	35
Quadro 2 – Motivos para participar da pesquisa.....	39
Quadro 3 – O que eles mais gostam na escola?.....	40
Quadro 4 – Qual estilo de aula mais desperta seu interesse?	40
Quadro 5 – É irrequieto na escola? Em que circunstância?.....	41
Quadro 6 –Dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.....	41
Quadro 7 – Disciplinas que gosto de estudar e as que não despertam o interesse dos alunos.....	42
Quadro 8 – Trechos do diário da aluna Camila.....	54

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 Educação, Psicanálise e subjetividade	13
1.1 Freud e o inconsciente	13
1.2 Psicanálise e educação	17
1.3 O impossível da Educação	20
1.4 Formação docente.....	24
1.5 Mal-estar na escola.....	26
1.6 Escola - um lugar para o sujeito.....	28
2 Procedimentos Metodológicos	33
3 Análise e discussão dos dados	38
3.1 Encontro inicial.....	38
3.2 Diário de bordo.....	43
3.3.1 1º encontro.....	44
3.3.2 2º encontro- Diário de bordo: momentos de reflexão.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS.....	61
ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DOS DIÁRIOS DE BORDO QUE FORAM PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES E ENVIADOS VIA WHATSAPP.....	62
APÊNDICE.....	72
PRODUTO EDUCACIONAL.....	73
APÊNDICE B - TCLE UTILIZADO NA PESQUISA.....	91
APÊNDICE C- ROTEIRO DA ENTREVISTA INICIAL.....	94

Introdução

A educação promovida pela escola tem como base o desenvolvimento humano por meio dos processos de ensino e aprendizagem. Além de favorecer a aquisição de conhecimentos, a instituição escolar busca aprimorar as habilidades e competências dos estudantes e garantir também o desenvolvimento social. Por desempenhar um papel importante na formação dos indivíduos, a escola sofre inúmeras reformulações ao longo do tempo, tanto no currículo quanto nas metodologias, procurando atender às demandas da sociedade em que está inserida.

O surgimento da Pedagogia possibilitou o direcionamento, compreensão e análise das ações educativas como uma forma de refletir sobre as práticas docentes a fim de conduzir a formas de ensino mais eficazes. Desde seu surgimento uma quantidade numerosa de métodos e técnicas na forma de se fazer educação nas escolas surgiu.

Ainda que a educação conte com essas constantes elaborações e mudanças a fim de atingir com mais eficácia seus objetivos, é frequente em nosso tempo o discurso do fracasso escolar. A não aprendizagem dos conteúdos escolares, a reprovação, o abandono escolar, dentre outros pontos, não são assuntos novos, e embora alguns avanços possam ser sentidos, o discurso ainda se repete quando se pensa ou analisa a qualidade do ensino em nosso país.

É possível elencar muitas fragilidades em nosso sistema educacional. Ao discutir as características da escola pública é sempre relevante levar em conta o verdadeiro descaso por parte do poder público em relação às instituições escolares. Escolas sucateadas, desvalorização profissional dos professores, baixos investimentos, são fatores que apresentam influência direta na qualidade do ensino e no acesso e na permanência dos estudantes nas escolas. Somados a essa série de fatores, a educação conta com questionamentos acerca da qualidade da formação de professores, bem como seu comprometimento com sua prática, sendo estes uns dos fatores apontados como causa do fracasso escolar. Ora culpabilizando o professor, ora os estudantes e suas famílias, ora o poder público, a narrativa dominante em torno da escola é de seu declínio e de sua ineficácia.

Apesar desses inúmeros fatores possam se fazer presentes acerca da educação, e é fato que eles influenciam diretamente na qualidade do ensino e nos resultados esperados. Outros aspectos referentes à prática em sala de aula fazem parte das inúmeras queixas por parte da escola, o “desinteresse” dos estudantes, a indisciplina e o baixo rendimento são assuntos que acabam por atribuir uma ineficácia ao processo educacional, o que se evidencia ainda mais pelas baixas notas e altos índices de evasão e reprovação. Assim, é possível observar que o professor está muitas vezes diante de obstáculos em relação a sua prática.

Em exercício na docência em escola pública desde 2008, observava com frequência que, mesmo diante das inúmeras formações realizadas por professores, utilização de diferentes métodos e técnicas de ensino, uso de tecnologia e busca por constante inovação, os resultados alcançados pelos professores em sua prática estavam sempre aquém daqueles planejados, escancarando essa espécie de fracasso com a qual o professor lida de forma frequente no exercício de sua profissão.

A escola, diante dessa realidade, busca inovar e aplicar métodos que garantam a eficácia do processo educacional. Nesse percurso, quase sempre ficam de fora as particularidades dos estudantes, já que essa instituição na contemporaneidade procura atender à demanda e à lógica de produtividade da sociedade. O que se tem cada vez mais é a necessidade de que a escola busque a produção de bons resultados. Por meio de exames e avaliações, os discentes têm uma medida de sua aprendizagem e uma exigência a sempre produzirem melhor.

A Rede Municipal de Educação de Goiânia, local onde foi realizada essa pesquisa, com o intuito de qualificar as aprendizagens e redimensionar as práticas pedagógicas, articula uma série de avaliações ao longo do ano letivo. De acordo com as Concepções Orientadoras do Trabalho Pedagógico da SME (2022, p. 15) “[...] nas unidades educacionais que compõem a Rede Municipal de Educação de Goiânia, os processos avaliativos se desenvolvem por meio da Avaliação da Aprendizagem; Avaliação Institucional e Avaliação de Redes da Educação Básica”. Na prática, essas avaliações se constituem em avaliações internas (prova bimestral, simulados, prova de recuperação) elaboradas pelo professor da instituição e aplicadas a cada bimestre, exames bimestrais elaborados pela Rede Municipal de Educação, simulados que integraram o Projeto Aprova Brasil aplicados por bimestre e as avaliações elaboradas pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB). As Avaliações de Rede de Educação Básica estão previstas na Resolução nº 4/2010, Art. 53 do Conselho Nacional de Educação:

A Avaliação de Redes de Educação Básica ocorre periodicamente, é realizada por órgãos externos à escola e engloba os resultados da Avaliação Institucional, sendo que os resultados dessa avaliação sinalizam para a sociedade se a escola apresenta qualidade suficiente para continuar funcionando como está (BRASIL, 2010).

Engajados com o funcionamento da escola e entendendo que ele possa ser demonstrado por meio dos índices e resultados, as diferentes redes de ensino concebem uma série de avaliações de modo a qualificar e quantificar o ensino e a aprendizagem. A partir dessa concepção, há pouco espaço na escola para considerar a singularidade dos educandos, já que sua função primordial é esse enquadramento que busca fazer funcionar na ordem estabelecida. Ficam de fora do processo de aprendizagem as subjetividades dos indivíduos e a forma como

ela está implicada no seu percurso educacional.

A partir da Psicanálise, o sujeito passou a ser concebido de outra forma no que se refere a sua constituição. Freud (1900), ao descrever o inconsciente trouxe a noção de que aquilo que rege o sujeito está para além do uso da razão e é determinante na forma como esse sujeito se expressa e se relaciona com o mundo. Esse sujeito do inconsciente está por vezes excluído da cena educativa, pois ele existe em sua singularidade, enquanto a escola tende a se interessar pela uniformidade.

Entendendo que cada sujeito é único e que não é possível desvencilhar o indivíduo de sua configuração subjetiva, esta pesquisa tem o intuito de compreender como as subjetividades dos estudantes estão implicadas em seu percurso escolar e consequentemente em sua aprendizagem. Os estudos de Rinaldo Voltolini (2011) e Maria Cristina Kupfer (2013), que deram norte a esta pesquisa, nos indicam um modo de olhar a prática educativa a partir das elaborações da Psicanálise acerca do sujeito. Segundo nos aponta Kupfer (2013):

Há uma transmissão da Psicanálise ao educador, além daquela que poderia ser feita no divã. Atestam-nos os efeitos que se produzem quando os educadores se põem a estudar Psicanálise; efeitos que podem ser de angústia, de atuação, defensivos. Não aqueles esperados por um analista- a travessia do fantasma, a passagem pelo Rubicão, que transforma radicalmente. Ainda assim, efeitos (KUPFER, 2013, p. 119).

Assim, a Psicanálise, que atua na direção de um resgate do sujeito, pode se apresentar não como instrumento de trabalho, mas os efeitos de sua aproximação podem produzir um outro modo de concepção acerca da educação. Como cita Perrone e Gurski (2020):

Nos atuais tempos sombrios, talvez uma das produções mais importantes da articulação Psicanálise, educação e pesquisa seja justamente garantir o lugar do sujeito dividido do inconsciente diante do Eu racional, submetido a operações universalistas e abertos a preceitos morais (PERRONE; GURSKI, 2020, p. 75).

Com o olhar para as subjetividades e partindo das produções e momentos de escuta dos estudantes, esta pesquisa tem como objetivo contribuir com o desenvolvimento da autonomia, favorecendo uma atitude reflexiva do estudante sobre si mesmo e sobre a escola, a fim de que a expressão desses sujeitos possa levar também a sua implicação e responsabilização em sua trajetória educacional. Isso através dessa interface entre Psicanálise e educação, que se ocupa entre outras questões com o que denomina Pereira (2020):

[...] a oferta da palavra, da escuta e de outros tipos de intervenção que permitam a alunos, a professores e a outras pessoas do âmbito educativo terem a chance de

elaborar subjetivamente seus obstáculos pedagógicos, de transmissão e de gestão do que Freud considera o “impossível de educar” (PEREIRA, 2020, p. 48, grifo do autor).

O produto educacional que foi desenvolvido se constituiu como uma ferramenta de uso tanto do estudante quanto da escola. A proposta é uma atividade de extensão cujo foco é a expressão da subjetividade dos alunos a partir de produções escritas e momentos de escuta. Ela se constituiu como um instrumento de reflexão e observação do estudante acerca de sua atuação e percurso educacional, favorecendo sua autonomia e promovendo seu papel como sujeito ativo na escola. A escola por outro lado amplia seu conhecimento sobre os discentes, o que pode lhe fornecer subsídios para atuar melhor junto a eles e as suas especificidades. A abertura a momentos de diálogo e de escuta dos sujeitos visa a uma aproximação entre os indivíduos participantes do contexto escolar, com o propósito de que os reflexos dessa aproximação possam ser sentidos como favorecedores do processo de ensino e de aprendizagem.

Esta dissertação está dividida em três capítulos e o modelo de pesquisa adotado foi a pesquisa-ação pois tem como foco a participação efetiva dos sujeitos participantes na pesquisa.

No primeiro capítulo tem-se a apresentação das bases teóricas que fundamentaram a pesquisa. São trazidos alguns conceitos básicos da Psicanálise sobre a subjetividade e como suas ideias podem contribuir com o campo educativo. O capítulo está dividido nos seguintes tópicos: Freud e o inconsciente, Psicanálise e educação, O impossível da Educação, Formação docente, Mal-estar na escola, Escola-um lugar para o sujeito.

No segundo capítulo foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e no terceiro capítulo uma apresentação dos dados que foram coletados durante a realização da pesquisa, bem como uma análise sobre as questões investigadas sobre o tema, como base na fala e nos escritos dos estudantes.

1 Educação, Psicanálise e subjetividade

A Educação, no sentido formal, se constitui pelas práticas que visam o processo de formação e ensino aprendizagem estabelecidos pelos currículos e aplicados por meio das instituições de ensino. As ações empreendidas pela buscam cooperar com o indivíduo de maneira que ele possa se desenvolver e que possa desempenhar funções na vida em sociedade. O saber da Psicanálise, por outro lado, se ocupa com a compreensão e análise da mente humana. Seu surgimento marcou de maneira significativa a percepção sobre a constituição do ser humano.

Apesar de a Psicanálise e a educação possuírem diferentes fins, ambas são consideradas práticas que abordam o sujeito e sua relação com o mundo. A importante noção de inconsciente, inaugurada por Freud (1900), permitiu outro entendimento da constituição da subjetividade humana. Subjetividade esta que ao se fazer presente provoca interferência nas relações e produções escolares.

O entrelaçamento do saber da Psicanálise com a educação permite extrair contribuições ao campo educativo. Pensando sobre o sujeito do inconsciente na escola, o processo de transferência inerente à relação professor- aluno, bem como os efeitos da transmissão da Psicanálise aos educadores essa área busca promover antes de tudo uma educação que não se esqueça do sujeito, esse sujeito do desejo que de toda forma se faz presente de maneira singular na escola.

1.1 Freud e o inconsciente

O surgimento da Psicanálise no século XIX representou uma revolução na forma de conceber as interpretações do psiquismo humano. Isto correspondeu a um rompimento com o saber existente sobre o humano, até aquele momento, no que se refere à constituição de sua subjetividade. Freud (1900), ao formular o conceito de inconsciente, conceito este fundamental na Psicanálise, promove um deslocamento da razão e da consciência do lugar de primazia que ocupavam no entendimento da subjetividade humana, como explica Garcia-Roza (1985):

[...] a subjetividade deixou de ser entendida como um todo unitário, identificado com a consciência e sob o domínio da razão, para ser uma realidade dividida em dois grandes sistemas - o Inconsciente e o Consciente - e dominada por uma luta interna em relação à qual a razão é apenas um efeito de superfície (GARCIA-ROZA, 1985, p. 22).

Ao admitir uma divisão da subjetividade, Freud (1900) indica que aquilo que rege o humano obedece a leis que são de ordens distintas - Inconsciente e Consciente - contrapondo a ideia de que a subjetividade estaria sob o domínio da razão e da consciência. Sobre essa dimensão inconsciente, Garcia-Roza (1985, p. 65) nos esclarece: “O Inconsciente não é uma coisa no interior da qual os pensamentos latentes são transformados e distorcidos; tampouco ele é comparável às profundezas do psiquismo de cujas entranhas emergirá um material misterioso e inacessível ao pensamento consciente”.

O inconsciente não faz referência, portanto, a um lugar de caos, mistério, ou acontecimentos arbitrários. A partir de Freud (1900), ele é entendido como um dos sistemas que constituem o aparelho psíquico, portanto, não se referindo às profundezas da consciência, tampouco de um lugar anatômico. A concepção do inconsciente como “lugar psíquico” pode conduzir a ideia enganosa de que se trata de um lugar real. Porém, quando se diz que algo é da ordem do inconsciente, trata-se de uma lei de articulação e não do lugar onde essa articulação se dá. Sobre a constituição do aparelho psíquico e sua implicação na subjetividade, nos aponta Garcia-Roza (1985):

[...] a cisão produzida na subjetividade pela Psicanálise não deve ser entendida como a divisão de uma coisa em pedaços, mas como uma cisão de regimes, de formas, de leis. “Obedecer a dois senhores”, como diz Freud, é obedecer a leis diferentes, assim como as formações de compromissos são compromissos entre exigências legais diferentes (GARCIA-ROZA, 1985, p. 174).

A Psicanálise destaca, assim, a importância da noção de sujeito do inconsciente para a compreensão da subjetividade. Esse sujeito é efeito de sua fala, material com o qual trabalha a clínica psicanalítica. Sobre isto, Kupfer (2013) nos esclarece:

Para a Psicanálise, o sujeito do inconsciente se constitui na e pela linguagem, sendo, portanto, feito e efeito de linguagem. Desta perspectiva, a linguagem não é instrumento de comunicação, mas a trama mesma de que é feita o sujeito. Tal formação aparece de modo evanescente, nos interstícios das palavras, como produto do encontro entre elas. Como a faísca que surge quando duas pedras se chocam, não está nem em uma nem em outra. Como o novo sentido que se cria quando duas palavras são postas lado a lado para a produção de uma metáfora – a mulher é uma rosa –, assim é o sujeito do inconsciente (KUPFER, 2013, p. 28).

Freud (1914) definiu como recalcamto o processo responsável pela formação das representações inconscientes. Foi com base nesse processo que se fundamentou a elaboração da teoria psicanalítica. Com o intuito de evitar o desprazer, uma das tendências fundamentais do aparelho psíquico, por exigência da censura ou consciência moral, o recalcamto acaba por

manter ideias e representações no plano inconsciente. Como nos diz Garcia-Roza (1985, p. 153), “Freud define o recalçamento como o processo cuja essência consiste no fato de afastar determinada representação do consciente, mantendo-a à distância.” Essas representações que foram recalçadas, no entanto, continuam a se manifestar, como uma espécie de retorno, sendo que suas manifestações podem se dar sob a forma de sintomas, sonhos, atos falhos, entre outros.

Assim, segundo a Psicanálise: o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e os sintomas são chamados formações do inconsciente. Essas formações funcionam como uma lacuna na consciência que nos indica a existência de uma outra ordem, a do Inconsciente. Garcia-Roza (1985), a respeito dessas formações, afirma:

O que nos chama a atenção nesses fenômenos lacunares não é apenas a descontinuidade que eles produzem no discurso consciente, mas sobretudo um sentimento de ultrapassagem que os acompanha (Lacan, 1979b, p. 30). Neles, o sujeito sente-se como que atropelado por um outro sujeito que ele desconhece, mas que se impõe a sua fala produzindo trocas de nomes e esquecimentos cujo sentido lhe escapa (GARCIA-ROZA, 1985, p. 171).

Por meio da linguagem ocorre a expressão dessa outra ordem que rege o sujeito, por meio dela que o sujeito é instituído. A linguagem, porém, é tida não como um lugar transparente da verdade, mas ao contrário, como um lugar de ocultamento. No próprio ato da fala, emitimos aquilo que queremos e também aquilo que independe da nossa vontade. Sobre a linguagem nos indica Longo (2006, p. 9): “A linguagem é sempre descontínua em relação à realidade, não é uma entidade geradora de significados definitivos. Além disso, o sujeito que a produz é um efeito de linguagem, uma reverberação, um precipitado na ordem do discurso, do qual não é mestre”.

O sujeito não é, portanto, aquele que pensa que é, e sim o sujeito do discurso. Isso acaba por evidenciar uma fenda entre o dizer e o ser e nos aponta para o sujeito do desejo. De acordo com Garcia-Roza (1985):

A Psicanálise não vai colocar a questão do sujeito da verdade, mas a questão da verdade do sujeito. Ela vai perguntar exatamente por esse sujeito do desejo que o racionalismo recusou. Contra a unidade do sujeito defendida pelo racionalismo, a Psicanálise vai nos apontar um sujeito fendido: aquele que faz uso da palavra e diz “eu penso”, “eu sou”, e que é identificado por Lacan como sujeito do enunciado (ou sujeito do significado), e aquele outro, sujeito da enunciação (ou sujeito do significante), que se coloca como excêntrico em relação ao sujeito do enunciado (GARCIA-ROZA, 1985, p. 23).

Portanto a Psicanálise desqualifica esse sujeito do enunciado como referencial para o conhecimento e a verdade. Compreendendo o homem como ser singular, ela se constitui como

um lugar de escuta do discurso individual. É nesse discurso que está situado o sujeito do desejo. O desejo ocupa posição central na teoria e prática psicanalítica. Aqui ele não é visto como a satisfação de uma necessidade, tal como na Biologia, mas tem por base o que Freud (1900) chamou de experiência de satisfação. Como pontua Garcia-Roza (1985) a experiência de satisfação pode ser assim exemplificada:

Um recém-nascido com fome não tem nenhuma condição de se satisfazer, seu desamparo permite apenas que ele grite e esperneie impotentemente. Gritar e agitar as pernas não elimina, porém, o estado de tensão decorrente da necessidade. Um estímulo externo, dependendo de sua natureza, poderia ser eliminado através dessa conduta, mas a excitação decorrente de uma necessidade interna age de forma contínua e só é eliminada pela ação específica que o recém-nascido é incapaz de executar. Essa ação só pode ser empreendida através de um auxílio externo (a mãe ou a pessoa responsável pelo fornecimento do alimento) e somente através desse auxílio o bebê atinge a “experiência de satisfação” que põe fim ao estímulo interno (GARCIA-ROZA, 1985, p. 87).

O traço de memória relacionado à percepção da satisfação original produzirá um impulso de reproduzir essa satisfação, é esse tipo de impulso que constitui o desejo. O desejo é inconsciente e só pode ser pensado na sua relação com o desejo do outro, sendo a singularidade produzida nessa relação. Sobre essa relação, Alberti (2010, p. 12) nos indica:

Desde suas primeiras hipóteses, Sigmund Freud observava: a primeira e por isso mais intensa relação de um bebê com o mundo em que nasce, se dá através de um Outro que o preexiste, faz dele um objeto privilegiado de seus interesses e influencia o bebê de tal forma que ele será necessariamente produto da relação de ambos - o Outro e ele mesmo. Se o Outro preexiste ao sujeito é também por engendrará-lo. O primeiro Outro, para o bebê, implica necessariamente os pais, ou seus substitutos, o que vem a dar no mesmo. O conceito de Outro, na realidade estabelecida por Jacques Lacan, consiste antes de mais nada, na referência a uma alteridade: afirmar a presença de um Outro engendra uma noção de eu diferenciado.

A partir do desejo dos adultos a criança se reconhecerá. À medida que ela cresce e realiza suas experiências, passa a ser constituída sua singularidade. Essa relação com o Outro determina o sujeito. Como explicita Alberti (2009):

O Outro é o que determina a interpretação de seus sonhos, sintomas e atos falhos; o que pensa no sujeito, apesar de, às vezes, ele não querer saber nada sobre isso; o que preexiste ao sujeito e existe na cultura, no desejo da mãe, na estrutura da linguagem; em suma, tudo o que Freud descobriu e faz parte do simbólico. Esse grande Outro, que é o Outro da fala e da linguagem, implica que o sujeito, ainda que não fale, possa ser falado (ALBERTI, 2009, p. 36).

Diante desses fatores, pode-se dizer que o sujeito do inconsciente sequer começa a ser construído a partir do nascimento. Sobre esse aspecto, Kufper (2013) assevera que:

Do ponto de vista da constituição daquele sujeito, sua história começa bem antes, começa com seus avós, e o que se passou com eles em sua constituição subjetiva inconsciente marcará também aquele sujeito, que já encontra ao nascer uma trama estendida sob ele (KUFPER, 2013, p. 37).

Dessa maneira, cada sujeito é fruto de sua constituição particular. Sua subjetividade se relaciona com as suas representações inconscientes, e vão além do uso da razão e de suas intenções. Estamos submetidos antes de mais nada a uma instância sobre a qual não temos controle algum, que fala à sua maneira própria e que nos constitui como sujeito do desejo. A Psicanálise, evidenciando a presença do inconsciente, se põe a falar a outros campos onde essa presença faz sua marca, buscando sobretudo recolocar esse sujeito da singularidade em cena.

1.2 Psicanálise e educação

Embora não tenha sido tema exclusivo de nenhum texto de Freud, a educação apareceu de forma frequente em suas reflexões e em sua produção teórica. Freud (1933) destaca na Conferência XXXIV Explicações, Aplicações e Orientações:

Existe um tema, todavia, que não posso deixar passar facilmente - assim mesmo, não porque eu entenda muito dele. Muito pelo contrário: aliás, desse assunto ocupei-me muito pouco. Devo mencioná-lo porque é da maior importância, é tão pleno de esperanças para o futuro, talvez seja a mais importante de todas as atividades da análise. Estou pensando nas aplicações da Psicanálise à educação, à criação de uma nova geração (FREUD, 1933, p. 99).

Ao tratar de assuntos como o impacto da educação repressora nos indivíduos de sua época, bem como questões relacionadas à sexualidade e à transferência, ou seja, em seu próprio campo, a Psicanálise apresentou suas primeiras contribuições à educação.

O ato educativo relaciona-se intimamente com a constituição do sujeito do qual fala a Psicanálise, podendo ser entendido como todo ato de um adulto dirigido a uma criança, responsável por instalar uma ordem e promover o laço social. Esse ato é, assim, identificado por Voltolini (2011):

O educar tem a ver com a transmissão de um traço simbólico de filiação, de uma marca que permite a um sujeito, primeiro, se erigir como sujeito, o que é diferente, portanto, da limitada configuração biológica com a qual precariamente nasceu (hominização). Depois, diferenciar-se do outro que lhe rendeu os primeiros meios de entrada no mundo (singularização). E, por último, encontrar seu lugar no meio de outros com os quais terá que administrar sua diferença (socialização) (VOLTOLINI, 2011, p. 70).

Na educação formal, produzida nas escolas e espaços educativos, a Pedagogia se apresenta como a ciência que investiga e elabora conhecimentos sobre essa espécie de ato

educativo. Nesse ponto está destacada a distinção entre educação e Pedagogia. De acordo com Saviani (2008), “[...] a Pedagogia é a teoria ou ciência da prática educativa, o modo de apreender ou instituir o processo educativo, sendo identificada como o próprio modo intencional de realizar a educação”. Dessa forma, a Pedagogia incorpora os saberes provenientes das ciências humanas para gerir a educação e apresentar propostas a serem executadas a fim de atingirem um resultado específico, que pode ser mensurado e verificado por exames e avaliações.

No âmbito da Pedagogia, o que se pretende é pensar saberes e estratégias para que os estudantes aprendam os conteúdos escolares. Com vistas a esse fim, o que a Pedagogia pretende é realizar uma operação sobre o estudante, indicando o que ele deveria ser e fazer para chegar à aquisição do conhecimento. A Psicanálise considera a relevância do ato educativo, nos fala, portanto, sobre a educação, mas com a Pedagogia não estabelece vínculo, pois apresenta uma outra forma de abordagem do sujeito. A Psicanálise se volta para aquilo que não pode ser apreendido ou moldado pelo estabelecimento de uma norma. A esse respeito, Lo Blanco (2020, p.39) afirma: “[...] a Psicanálise irá reconhecer no sujeito algo que não é redutível, não é apreensível nas malhas da medida, do cálculo ou da previsibilidade. Esse é então o sujeito do inconsciente”.

Diante da natureza da ação pedagógica, podemos dizer que entre ela e a Psicanálise não há princípios que se interrelacionam. As questões sobre as quais se ocupa a Pedagogia não encontram na Psicanálise instruções que possam lhe ser úteis. Freud (1925) considerava como impossível qualquer direção pedagógica orientada a partir da Psicanálise por considerar, conforme cita Voltolini (2011, p. 12), “[...] enganoso o pressuposto de que existe uma só direção pedagógica, qualquer que seja, que conduza a criança a bom termo”.

Enquanto a Pedagogia convoca as teorias do desenvolvimento cognitivo para explicar o funcionamento da aprendizagem no sujeito, a Psicanálise tem vistas para aquilo que não pode ter seu funcionamento enquadrado. Ela não trata de questões pedagógicas entre aluno e professor, nem sobre metodologias. Segundo Voltolini (2011), a atuação da Psicanálise na educação:

[...] nos fala, antes, sobre a precariedade inevitável de todo ato educativo, sobre a ignorância particular e insuperável, embora não incontornável, de todo adulto em relação à criança e sobre o campo amoroso que se instala entre educador e o educando, permeando essa relação com uma atmosfera particular, decisiva quanto ao destino da aprendizagem. Fala também sobre o incerto caminho do sujeito ao longo de sua educação e dos múltiplos riscos de naufrágio nessa viagem (VOLTOLINI, 2011, p.10).

A Psicanálise toma a Pedagogia pelo avesso, apresentando-se como uma possibilidade de mostrar algo de sua verdade. Ao contrário do ideal pedagógico, a Psicanálise não busca

explicar o seu funcionamento e nem dizer como a educação deveria ser, mas aponta no sentido do que ela é. Como nos indica Voltolini (2011, p. 10), “a posição da Psicanálise no campo educativo é a de desmontar a Pedagogia enquanto discurso mestre e exclusivo sobre a educação”. Isso não significa que a Psicanálise seja contra a Pedagogia, mas, possuindo uma diferença fundamental na forma como aborda o sujeito, nos faz refletir como a aprendizagem não está condicionada somente ao ensino formal.

A Psicanálise também apresenta diferenças marcantes em relação à Psicologia que é com frequência convocada a participar de discussões pedagógicas. A Psicologia teve seu surgimento marcado por questões filosóficas, mas, ao longo do seu desenvolvimento, ela estabeleceu um compromisso com a ciência, tomando por base o controle experimental, o que lhe confere o oposto daquilo que a Psicanálise traz, que é aquilo que está no campo da subjetividade, aquilo que no sujeito não pode ser categorizável ou medido por meio de experimentações.

Partindo da concepção do sujeito como um organismo, a Psicologia se dedica ao estudo do comportamento de humanos e animais como ratos e macacos, evidenciando a importância que se dá ao comportamento que pode ser observado em detrimento da experiência e da vivência do sujeito, e daquilo que o humano manifesta pela fala. Já para a Psicanálise, o comportamento não pode ser mensurado por experiência ou observação controlada. A Psicanálise lança mão do dispositivo da interpretação, que coloca em jogo o sujeito do inconsciente.

A sexualidade cuja finalidade não é somente a reprodução, a forma como os indivíduos se organizam socialmente, a forma como a linguagem não se limita às funções da comunicação e o pensamento que não necessariamente está ligado a uma necessidade demonstram que ao ser humano não podem ser aplicados os mesmos princípios de comportamentos que regem os outros animais. Diferentemente da Psicanálise, a Psicologia como ciência oferece à demanda pedagógica conceitos como adaptação e desenvolvimento. Esses conceitos, retirados da biologia, ao serem aplicados à Psicologia procuraram produzir um sujeito que precisa se adaptar aos ideais estabelecidos pela sociedade em que está inserido, conferindo ao sujeito um caráter adaptativo.

Na contramão dessa normatividade e desses padrões que se pretende estabelecer, a Psicanálise aborda a distância entre o ser concebido pela ciência e aquele com o qual nos deparamos. Comenta Voltolini (2018):

Se a Psicologia havia construído esse ser - “A” criança, ou a criança-estratégia (Imbert, 1992) -, para nutrir o projeto progressista da Pedagogia que busca considerar o sujeito que se endereça o ensino, caberia à Psicanálise reavivar a lembrança de que A criança não fala - ao contrário, sua concepção nasce do fato de ser falada - mas que

as crianças, em contrapartida, falam e quando o fazem produzem uma erosão inevitável na imagem idealizada desse ser metafísico e conceitual. Desde aí fica fácil entender a reclamação constante dos professores do abismo que encontram entre A criança que estudam nos livros e as crianças que encontram na escola (VOLTOLINI, 2018, p. 11).

Ao considerar que a parte afetiva ou emocional dos estudantes podem perturbar o processo de aprendizagem, a Psicologia pode atribuir a não aprendizagem dos estudantes a fatores como problemas emocionais ou familiares. A Psicanálise, por outro lado, não trata de emoções ou desenvolvimento afetivo, uma vez que estes não são inconscientes. Os afetos e emoções possuem em geral razões bem conhecidas, aquilo que existe no inconsciente não são afetos e sim representações.

Embora distante do ideal visado pela Pedagogia e também da Psicologia frequentemente aplicada à escola, é possível pensar em uma aproximação entre Psicanálise e Educação. Kupfer (2013) discute sobre uma aproximação entre esses dois campos:

Ao reconhecer a educação como um discurso social, a Psicanálise se põe a dialogar com ela nas escolas, na mídia, na universidade. E ao falar dentro do campo social deu-se com a Psicanálise o que se dá quando um sujeito em análise se põe a falar: transforma-se pelo efeito de retroação de suas palavras. Ir ao mundo mudou também a Psicanálise, que deixou de ser uma prática do divã, e hoje ganhou as instituições, os hospitais- e as escolas (KUPFER, 2013, p. 118).

Essa conexão, portanto, não significa ir até o campo educativo para ouvi-lo e nem levar a clínica para esse meio, mas sobretudo pensar em como as construções da Psicanálise podem contribuir para a educação, em como reconhecer a presença do inconsciente na escola, lugar de onde ele está quase sempre excluído. Conforme nos diz Pereira (2020, p.48) “[...] Psicanálise e educação não é Psicanálise, tampouco é a educação. Mas um campo de interface que acolhe, de uma e de outra, elementos para melhor analisar e intervir no real educativo”.

Pensar a educação a partir das construções da Psicanálise está ligado a transmissão de um saber sobre a realidade e a responsabilização dos sujeitos com essa realidade. Assim, seus efeitos podem surgir não de instruções que possam melhorar a prática educativa, mas podem ter efeito transformador caso seus saberes impliquem no reconhecimento de aspectos intrínsecos a essa prática.

1.3 O impossível da Educação

Freud (1925, p. 307) considerava o ato de educar, curar e governar como três ofícios impossíveis. Ao versar sobre essa impossibilidade, ele não se refere à incapacidade de realização desse ato, ou sobre sua impotência. De acordo com Scherer e Carneiro (2020):

A educação, assim como o governar e o psicanalisar, são ofícios impossíveis, impossíveis no sentido de inalcançáveis em sua totalidade, e não inexecutáveis. Não se trata de uma afirmação que impeça tais profissões de existirem, ou que indique a sua desvalorização, mas sim que aponta para uma falta inerente ao seu fazer e à sua aposta. Ao serem enunciados seus objetivos, é necessário contar com certa parcialidade na tentativa de alcançá-los. Isso acontecerá porque os ideais lançados apenas serão atingidos em parte: sempre permanecerá algo em aberto (SCHERER, CARNEIRO, 2020, p. 139).

É com interesse na prevenção das neuroses que Freud (1908) discorre sobre os malefícios da civilização e da moral excessiva sobre os indivíduos. Para ele, esses seriam fatores de adoecimento dos sujeitos. Como apresenta Voltolini (2011, p. 14), ao estudar um grupo de neuroses, Freud (1908) indica que seu desencadeamento se deve a um mecanismo de defesa do sujeito contra uma representação de natureza sexual, que o próprio indivíduo considera como incompatíveis com seus preceitos morais. Essa representação que sofre ação do recalque permanece ativa no plano inconsciente, se expressando sob a forma de sintoma. Embora não tenha sido essa a linha de argumentação seguida por ele, há aí uma impossibilidade da educação, já que indica uma falha na tentativa de repressão dos sujeitos, cujas representações recalcadas continuam a se expressar.

As formulações estabelecidas sobre educação e o campo sobre o qual elas se articulam seriam também uma face desse impossível, uma vez que, como mostra Voltolini (2011, p. 27), “ao entrar no campo educativo o mais provável é o encontro com a decepção, já que aquilo que se planeja no início está sempre aquém dos resultados atingidos, o que se traduz em uma impossibilidade lógica”. Isso porque como reforça Pereira (2020):

Tanto a Psicanálise quanto a educação são artes ou ofícios essencialmente relacionais, marcados pela lógica do *não todo* ou, dito de outro modo, são artes nas quais as relações nunca se explicam ou se dão plenamente em razão de trabalharem justamente o descontínuo, o incongruente e o contingente que se encontram no cerne do âmbito social. Ambas na realidade, se juntam às profissões que trabalham com pessoas nas quais o sucesso jamais está assegurado, sendo necessário àqueles que as operam aceitar uma cota importante e visível de fracassados aos olhos da norma (PEREIRA, 2020, p. 48).

Existem na cena educativa fatores que só se controlam parcialmente e há ainda aqueles que exercem controle sobre nós. A própria estrutura de linguagem torna impossível a intenção de mestria, visto que, como sujeitos divididos que somos, a nossa fala está sempre condicionada a uma outra cena, desconhecida pela consciência, mas que fala através de nós.

A partir das teorias construtivistas sobre o processo de aprendizagem, o planejamento do ato educativo passou a ter como referência o conhecimento do funcionamento do aluno, agora concebido como sujeito ativo na aprendizagem. O cognitivo passou a ser o alvo da Pedagogia, sendo deixadas de fora as questões ligadas à sexualidade, à singularidade. A Pedagogia busca organizar a educação administrando um controle sobre o estudante e sua aprendizagem. Porém na relação que se dá por meio da educação esse controle seria impossível, pois a cena educativa está também atravessada pelo inconsciente.

A relação que se estabelece entre os agentes no contexto educativo, professor e aluno, está geralmente distante daquilo que um programa ou planejamento podem prever. Como nos diz Voltolini (2011, p. 70), “o amor - transferencial, segundo o termo da Psicanálise - molda a relação impondo a ela cores que ultrapassam a prescrição fria dos papéis que corresponderiam aos lugares de professor e aluno”.

A Psicanálise destaca o papel preponderante do campo transferencial na análise, esse processo trata-se da interferência, afetação, existente na relação paciente e analista. No processo de transferência, a suposição que fazemos sobre determinada pessoa se relaciona com a forma que ela funciona para nós, mais do que seus atos ou posicionamentos. Entre professor e aluno essa relação também está presente. Sobre esse campo transferencial nos indica Voltolini (2018):

A transferência, termo que também aponta a ideia de ferir, foi cunhada para evidenciar isso que carrega através de (trans) a força afetiva (ferência) de experiências significativamente vividas e que se articulam, por força da inércia que move essas experiências, com os personagens da cena atual. A transferência, enquanto tal, é um fenômeno estrutural do psiquismo (VOLTOLINI, 2018, p. 69).

Desde que nasce, a criança ocupa uma posição de objeto, uma vez que seu nascimento envolve de qualquer forma o campo desejante dos pais. Esse fato nos mostra que toda criança está diante das fantasias de seus pais a partir das quais foi concebida. É o ideal dos pais (ou cuidadores) que acompanhará o desenvolvimento do eu da criança e servirá como base para o seu comportamento. Portanto, de maneira não controlada a criança procura se ajustar ao objeto de satisfação parentais. Conforme Kupfer (2013, p. 35), “[...] é pela educação que um adulto marca seu filho com marcas de desejo; assim o ato educativo pode ser ampliado a todo ato de um adulto dirigido a uma criança”.

Algo dessa natureza de indução de comportamento ocorre também na relação professor-aluno. Como nos indica Voltolini (2011, p. 31) “[...] os alunos também terão que se deparar com uma investidura de seus professores que se sustenta, em última instância, na fantasia destes”. Os mestres são investidos também de uma aura transferencial que tem papel decisivo sobre a aprendizagem, muito mais do que a metodologia ou os conteúdos que ensinam. Com isso, a Psicanálise diz sobre a aprendizagem, que ela não está somente associada ao ensino, conforme a Pedagogia explicita. Não há dúvidas de que o ensino exista, mas a aprendizagem não está condicionada somente a ele. Analisa Voltolini (2011):

[...] a herança que deixamos, como educadores, através da educação ao outro, que se refere a nós transferencialmente, depende sempre de fatores que só parcialmente podemos controlar. E há outra parte que, ao contrário, nos controla, condicionando nossa palavra e sobre a qual pouco ou nada podemos fazer (VOLTOLINI, 2011, p. 36).

No artigo “Psicologia do escolar”, Freud (1913) nos adverte sobre a dificuldade em determinar o que tem mais influência e importância para nós, se as ciências que nos foram ensinadas ou a personalidade dos mestres. Nesse mesmo, trabalho Freud explicita o caráter ambivalente existente também na relação professor- aluno. Sobre essa relação cita Freud (1913):

Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados. Estávamos, desde o princípio, igualmente inclinados a amá-los e a odiá-los, a criticá-los e a respeitá-los. A Psicanálise deu o nome de ‘ambivalência’ a essa facilidade para atitudes contraditórias e não tem dificuldade em indicar a fonte de sentimentos ambivalentes desse tipo (FREUD, 1913, p. 286).

Esse caráter ambivalente notável na relação estabelecida entre professores e alunos ocorre com base na natureza das primeiras relações estabelecidas pelo sujeito, que funcionam como uma espécie de protótipo, determinando as relações posteriores por essa espécie de herança emocional. Dessa forma, a presença do inconsciente e aquilo que ele determina, indicam uma impossibilidade inerente à educação e sobretudo uma impossibilidade de determinação em como aluno e professor serão afetados pelo encontro, aquilo que não pode ser previsto em nenhum planejamento ou processo formativo docente.

1.4 Formação docente

Existe na educação uma constante necessidade de reestruturação. Fruto da aspiração de melhores resultados e sob a acusação de que se encontra em atraso, a escola realiza esse constante movimento de renovação. Sobre esse assunto, nos expõe Voltolini (2018):

Assistimos a uma época em que o escolar sucumbiu também, como todos os outros setores da sociedade, a uma ideologia do rendimento, da eficácia, da avaliação. Malgrado as acusações de anacronismo da escola, anedota comum do universo escolar em que a escola está sempre velha, precisando modernizar-se, essa instituição parece estar, como não poderia deixar de ser, em constante evolução - mesmo que se possa contestar sua direção - seguindo à risca suas vicissitudes do desenvolvimento social, ideológico e econômico. Pelo menos é o que parece apontar o número significativo de reformas, e de reformas de reformas, ocorridos na escola nos últimos trinta anos: nada nessa instituição ficou fora do furor reformista de nosso tempo (VOLTOLINI, 2018, p. 21).

Nesse caráter reformista, a formação docente tem sempre um peso relevante. De acordo com Voltolini (2011, p. 41), “ao buscar um referencial sobre a criança, com aporte nas ciências do homem, espera-se obter um conhecimento que permitiria encontrar os meios adequados para a ação educativa, numa espécie de fórmula que inclui de um lado o que a criança é e do outro o que o educador deve ser”. A busca constante por cursos de formação docente mostra como os esforços em educação estão voltados para o conhecimento sobre os estudantes e as formas de conduzir bem seu processo de aprendizagem. Essa demanda acaba colocando também o professor numa posição de inadequação, como se houvesse sempre algo a ser corrigido ou renovado em sua prática. O professor representa também uma das figuras centrais no discurso do fracasso escolar atual.

Somados a culpabilização pelo fracasso escolar, destaca-se os processos de ampliação e complexificação do trabalho docente, bem como esse contexto de reforma que frequentemente reformula o lugar do professor. Como explicita Voltolini (2018, p. 13), “[...] forçar constantemente uma formação reparatória pode ser comparado a oferecer os tratamentos anódinos que era oferecidos às históricas freudianas. Lá, como cá, talvez seja necessário haver alguém que escute”.

O processo formativo do professor centrado na apreensão e na aplicação de teorias e técnicas não se constitui em um problema dada a importância das teorias. A questão é o quanto a subjetividade do professor está excluída desse percurso formativo. Toda formação que realize ainda será insuficiente, e isso não tem relação com a incapacidade dessas formações ou do professor, mas está relacionado mesmo à natureza de seu saber, no qual se pode afirmar que

não tem fim. O importante de se observar é que a profissionalização do professor não pode estar somente no campo da técnica, está também em sua implicação subjetiva.

Criticando e contrapondo a formação docente inscrita no campo da técnica, surge no campo educacional a prática reflexiva. Sobre essa prática explica Voltolini (2018):

Essa prática consiste basicamente em encorajar e promover uma atitude reflexiva do professor em relação a sua prática, por postular que a reflexão é o instrumento principal para lidar com o caráter essencialmente complexo e imprevisível do trabalho docente. De fato, dar uma aula implica lidar com situações de tal modo imprevisíveis que nenhum procedimento- padrão parecia funcionar adequadamente (VOLTOLINI, 2018, p. 29).

O reconhecimento da importância da reflexão representa um progresso na forma de enxergar a prática docente, o que não se pode deixar de ressaltar é que o campo de reflexão e a posição que o professor adota nesse campo não estão excluídas de sua implicação subjetiva, do inconsciente. Como ressaltava Voltolini (2018, p. 68), “[...] nenhum processo de reflexão ocorre na lápide fria da episteme, nem se furta a ser afetado pelas fantasias de quem reflete”. Assim, ainda que traga para sua prática o exercício da reflexão, o professor conta inevitavelmente com sua subjetividade.

A busca pela transformação no modo de atuação dos professores só mostra na prática o quanto essa tentativa falha em provocar mudanças significativas na educação, mesmo diante de reformas, teorias e demanda por formação continuada. É inevitável o desencontro, ao menos em parte, com aquilo que se pretende alcançar.

Nesse sentido, considera-se que tudo aquilo que acontece na sala de aula é possível ser controlado pelo professor a partir de sua formação técnica ao longo de seu percurso profissional ou de sua prática reflexiva, como se fosse possível aplicar, sobre uma situação real e dinâmica como a realidade é, algum conhecimento universal.

Evidente que o conhecimento técnico tende a se basear em métodos meramente operacionais, uma vez que é fruto da investigação científica, não pode se furtar a isso. Entretanto, no que tange ao trabalho em sala, é importante considerar que o professor está diante de situações complexas e imprevisíveis sobre as quais não é possível pensar em modelos engessados ou que tudo passe por seu controle caso ele lance mão por exemplo do ato reflexivo. Como nos aponta Voltolini (2018, p. 55), “[...] na sala de aula o que ocorre é da ordem da práxis e não da ciência, mesmo que um professor possa, para dar parâmetros a sua práxis, considerar os conceitos científicos”. Nenhum procedimento pode escapar do fato estrutural que permeia a prática docente, como indicado por Voltolini (2018):

Não há primeiro o aluno, depois o professor, um só se define como tal a partir da presença polarizada do outro e qualquer tentativa de engessar, numa fórmula abstrata, seus papéis só pode levar a percepções equivocadas sobre essa relação. Professor e aluno, com lugares dispostos desde o jogo comum que os reúne numa mesma arena, encontrarão no interjogo de suposições mútuas o calor vivo, campo da presença do sujeito (VOLTOLINI, 2018, p. 55).

Não se escapa, portanto, da implicação subjetiva de ambos na cena educativa. A educação busca ajustar seus meios a fim de atingir a aprendizagem que almeja como ideal conforme os parâmetros estabelecidos. Segundo essa perspectiva, as competências e habilidades poderiam ser mais facilmente alcançadas levando-se em conta todo o estudo que existe sobre o aluno para atingir seu pleno desenvolvimento. Esse saber desenvolvido tem importância enquanto se constitui como um referencial, mas quando esse referencial é tomado como universal, ou possível de ser atingido em qualquer situação e sobre todos os indivíduos, promove um desencontro entre os objetivos que estabelece e a realidade que encontra, gerando essa espécie de mal-estar que ronda a escola.

1.5 Mal-estar na escola

A discussão sobre o processo civilizatório em Freud permite extrair conclusões acerca da educação, uma vez que os dois processos se encontram interligados. Para conviver em sociedade, o sujeito precisa renunciar à satisfação das pulsões. Como aponta Garcia-Roza (1985, p.116), “[...] pulsão, diz Freud é ‘um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático’; ou ainda, ‘é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente’”. A pulsão realiza uma espécie de ponte entre o corpo e o aparelho psíquico cuja finalidade é sempre uma satisfação. As pulsões podem ser entendidas como pressões que nos dirigem a uma necessidade, mas se diferenciam do instinto pois elas não possuem comportamento fixado hereditariamente e nem um objeto específico.

É sob a renúncia da satisfação das pulsões que a civilização é construída. Existe assim um mal-estar inerente ao ingresso do sujeito no laço social. Para Freud (1930), esse mal-estar é uma condição humana. Em relação a esse mal-estar, esclarece Voltolini (2011, p. 54):

Quanto a essa tensão, nenhuma superação deve, portanto, ser esperada, e caberia à educação estabelecer os termos de um acordo possível, ainda que de equilíbrio precário, fora do qual restaria a barbárie. Para Freud, a barbárie não é um estado superado de uma vez para sempre, por isso, caberia à educação garantir que nenhuma revolução represente um retorno a essa condição (VOLTOLINI, 2011, p. 54).

Nesse sentido, à educação é conferida um caráter conservador e cujo fim se relaciona a esse enquadramento exigido pela vida em sociedade. Freud (1933) afiança na Conferência “Explicações, aplicações e orientações”, o que corrobora com Voltolini (2011, p.49), que “[...] a criança deve aprender ou começar a aprender a controlar suas pulsões e adaptar-se ao meio social [...] a educação deve inibir, proibir, reprimir, e nisso se esforçou amplamente em todos os tempos”.

No estabelecimento da Lei, é inevitável a instituição de uma violência, que não se trata de violência física, mas essa que indica uma sobreposição às vontades pessoais. Importante ressaltar o caráter estruturante e inevitável desse tipo de violência, e que o encontro com ela se dá a todo instante, no encontro com os limites. Kupfer (2013, p.140) nos fala sobre esse tipo de violência:

Trata-se de afirmar que o esforço de humanização de uma criança humana não se faz sem uma ação, exercida pelo adulto sobre a criança, que não seja da ordem de uma imposição, de uma injunção, de uma “forçagem”. Uma ação, portanto, que merece o qualificativo de violenta. Violenta porque, desde o princípio, submete o corpo da criança a uma ordem, a uma regulação, a um ritmo, a uma interpretação que nada tem de natural, embora tampouco sejam arbitrários. Ou seja, se o adulto faz o corpo infantil entrar em sua própria ordem, está submetendo esse corpo a uma espécie de encaixe que impede que outras possíveis significações venham a manifestar-se. Não há, pode-se dizer, escolha (KUPFER, 2013, p. 140).

Diante da cultura, o sujeito encontra ao mesmo tempo sua satisfação e também os limites que lhe permitiriam que essa satisfação fosse plena. O encontro com esses limites não se dá sem o surgimento de conflitos e resistências por parte dos sujeitos. É próprio do ato educativo esse enquadramento do sujeito na ordem estabelecida e, portanto, inevitável o desconforto inerente a esse enquadramento. Como reflexo desse desconforto inerente ao ato educativo, a compreensão é aprofundada, a partir do que analisa Pereira (2020):

Educar significa transmitir marcas simbólicas, visando inserir sujeitos no campo da fala e da linguagem, como também os inserir na tradição humana de conhecimentos acumulados. E não há como fazê-lo sem se requerer uma cota expressiva de interditos e renúncias por parte desses sujeitos. Ou seja: não se é educado sem que haja resistências, que muitas vezes se dão sob a forma de sintomas (PEREIRA, 2020, p. 50).

Há, portanto, diante da empreitada pedagógica, um sujeito que resiste. As resistências próprias da educação são também aquilo que permite sua ocorrência, que permite que os sujeitos possam se posicionar frente ao ensino, justamente, porque ele não é completamente moldável. A tensão entre sujeito e cultura é algo impossível de ser superado, embora se busque sempre afastar essa tensão da escola, espaço em que é tão visível e que se dá em decorrência da natureza mesma do ato educativo. As tentativas de negação desse mal-estar não acontecem sem

consequências. Frölich e Moschen (2020, p. 136) afirmam sobre isto que a negação do mal-estar “[...] poderá produzir impotência, gerando imobilidade e desistência, decorrentes de insatisfações e queixas relativas às limitações encontradas no processo”.

Sem a pretensão de determinar práticas educativas, o que a Psicanálise faz acerca da educação é trazer à luz aquilo que é esquecido no trabalho educativo, reconhecendo a realidade como ela é, e a nossa responsabilidade com essa realidade. Para a Psicanálise, não há o que indicar no sentido de melhorar as práticas de ensino, mas, pode ser favorável ao processo de aprendizagem de conhecimentos formais trazer à tona na escola a presença da singularidade. Nesse sentido, versa Pereira (2020):

O problema da educação (e da ordem pedagógica que ela engendra) não é visar didaticamente ao universal do ensino - dele, afinal, não se pode nem se deve escapar quando se busca inserir sujeitos na tradição e na cultura -, mas rechaçar tudo que disser respeito ao singular de cada um dos sujeitos. Em outros termos: que se cuide, sim, da universalidade do ensino, sem que se despreze a singularidade de quem a esse ensino se submete. A educação, decerto, é para todos, mas sempre um por um (PEREIRA, 2020, p. 50).

Não é se posicionando contra metodologias ou técnicas aplicadas na escola que a Psicanálise pretende falar, mas é buscando uma educação que não seja esquecida do sujeito, uma educação que permita reconhecer também no estudante esse sujeito portador de saber prévio, um saber que determina sua relação única com a escola e também com o processo de aprendizagem.

1.6 Escola - um lugar para o sujeito

Como sujeitos condicionados sempre a outra cena, o inconsciente, os indivíduos não se limitam a nenhuma definição estabelecida que possa ser indicada pela Pedagogia ou outras ciências. Ainda que não seja possível desvencilhar da prática escolar esse olhar sobre o sujeito do conhecimento, é possível, para a Psicanálise, ir além dele, permitindo a entrada do sujeito do desejo, este que é marcado pela trama da sua história. Dessa forma, a Psicanálise oferece ao educador um outro modo de olhar esse aluno, sobre o qual ele dirige o seu trabalho, para além dos limites do indivíduo escolar.

Conhecer o estudante, por meio do que se estuda a respeito dele, carrega consigo uma isenção em ouvi-lo, como se ele nada tivesse a acrescentar, como se sua singularidade não pudesse estar implicada com a escola e com o ensino e a aprendizagem. Como nos adverte Voltolini (2011, p. 44), “[...] no saber objetivo que se estabelece sobre a criança sou parte

integrante dele. Quando acredito revelá-la, numa descrição que faço dela, é também a mim que revelo”. Lacan (2009, p. 90) já advertia sobre o perigo de muito compreender. A tentativa de compreensão já encerra em si uma eliminação do outro em favor do que acredito saber sobre ele.

A educação se volta para esse sujeito do conhecimento, submetido ao cognitivo, e concebido a partir da aprendizagem. Conforme Voltolini (2018, p. 22), “[...] um sujeito sempre apto a aprender, desde que as boas condições se apresentem. Dele está excluído tudo que é da ordem do desejo de aprender, já que essa é uma noção perturbadora para uma escola que nunca soube desvencilhar-se do seu lugar de demandante e comandante de aprendizagens”.

A estruturação psíquica de um sujeito, aquilo que o constitui, depende da simbolização do Outro, que se dá desde seu nascimento. Os rumos que o sujeito toma ao longo da vida são carregados por suas inscrições originárias, impressas nessa estruturação psíquica, e são elas que determinarão a busca pelos objetos que preencham a sua falta. Nada de sua aprendizagem está pré-determinada nessas inscrições, mas elas têm papel fundamental na aprendizagem do sujeito. Sobre ela, nos diz Jerusalinsky (1997):

A única coisa que está estabelecida é algo assim como o vasilhame, pior ainda, uma forma, uma sombra ainda por cima recalcada. Uma sombra de uma forma de vasilhame onde ele vai encaixando os objetos que a experiência da vida vai lhe oferecer. Os pais e os mestres, sabendo disso, vão oferecendo às crianças experiências de vida porque sabem muito bem que com as inscrições primordiais, uma vez chegando as condições de simbolização, a aprendizagem não está garantida. Assim é que os professores se preocupam também em elaborar uma boa didática, ou seja, uma boa técnica de apresentação dos objetos que permita perceber as suas diferenças, seus valores, suas qualidades, suas relações, suas analogias, suas características, etc... É claro que em cada objeto que a criança for indagar e investigar vai estar sua modalização que aquela inscrição primária estruturou (JERUSALINSKY, 1997, p. 13).

Quando o professor reconhece que está diante desse sujeito, compreende que cada um de seus alunos tomará do ensino aquilo que diz respeito a essas inscrições originárias, que é única para cada um. Assim, torna-se desnecessária a preocupação excessiva com o cumprimento rigoroso das técnicas e métodos que visam o adestramento e adaptação dos estudantes. E isso não significa que o professor deve abandonar uma boa didática, mas que tenha em mente a distância entre aquilo que ele planeja e aquilo que atinge. A Psicanálise, por conseguinte, não pretende fornecer uma técnica de trabalho ao educador, mas uma direção que poderá modificar a forma como se relaciona com o aluno. Nas palavras de Kupfer (2013):

Ao fornecer os objetos do mundo, a educação positiva o sujeito; dá forma e consistência à sombra. Em outros termos, “imaginariza-o”. Mas pode fazê-lo supondo essa marca vazia ou pode fazê-lo a partir da pura valorização do objeto, produzindo o universo “coisificado” no qual estamos hoje mergulhados (KUPFER, 2013, p. 126).

A escola se atendo ao discurso de produtividade acaba se voltando de forma primordial para a preocupação em fazer render, mostrar resultados, exige então um enquadramento do estudante para fazer atingir os objetivos determinados. Quando entra em cena esse sujeito do inconsciente, marcado por sua singularidade e constituído na e pela linguagem, o que se tem é um modo peculiar de aprender ou não, ou seja o estilo próprio de cada um. Nesse sentido, esclarece Kupfer (2013):

[...] um estilo cognitivo passa a ser a peculiar relação de um sujeito com um particular objeto, o conhecimento. Tal relação trará as marcas do seu estilo como sujeito na relação com o Outro. Tal estilo se construirá nos sucessivos encontros com os objetos de conhecimento, moldando os próprios objetos e determinando, no mesmo processo, os padrões de relação com os outros encarregados de apresentar esses objetos, ou seja, seus mestres (KUPFER, 2013, p. 129).

Esse estilo particular é muitas vezes desconhecido pelo próprio sujeito. Pode ser que conduzir o aluno na descoberta desse estilo seja um trabalho a ser realizado pelo professor. E isso não se trata do educador informar um estilo a seu aluno, mas possibilitar que o sujeito possa encontrá-lo ou fazer surgir o que lhe é próprio. Não reconhecer o estilo próprio de cada um é considerar como fracassados aqueles que não se enquadram nos moldes estabelecidos pela escola. Passa-se a usar como uma das formas de atacar o fracasso escolar atacar o estudante em sua individualidade.

O processo de aprendizagem encontra-se de acordo com o nível de organização interna de cada sujeito. Logo, é condição indispensável para que a aprendizagem ocorra a construção da alteridade. Dar lugar a subjetividades na escola é permitir a manifestação desse sujeito e de seu estilo próprio de aprendizagem. Kupfer (2013) afirma:

Quando um professor entra em contato com a Psicanálise, ouve falar do sujeito. Continua sem saber como atingi-lo, como manipulá-lo, como enfiar em sua cabeça o que sua racionalidade supõe que ele deveria aprender. Continua sem métodos e o sujeito do qual ouviu falar torna-se mais misterioso do que nunca. Mas esse professor aprende a levá-lo em conta, aprende que visa um alvo e acerta outro, reaprende que visa a consciência de seu aluno mas atinge o sujeito (isto quando ele efetivamente aprende) (KUPFER, 2013, p. 121).

A educação só pode ser pensada dentro dos laços sociais, como afirma Kupfer (2013, p.35) “[...] educar torna-se a prática discursiva responsável pela imersão da criança na linguagem, tornando-a capaz por sua vez de produzir discurso, ou seja, de dirigir-se ao outro

fazendo com isso laço social”. O discurso social dominante na educação se caracteriza por um lado pela afirmação de seu fracasso e por outro pelo reconhecimento da instituição escolar como forma de desenvolvimento social. Esse discurso não passa alheio aos estudantes e converge muitas vezes nas relações que acontecem no interior da escola.

As repetições dos discursos na escola têm como consequência mais imediata a cristalização de pensamentos que impede a circulação de novos discursos e, em consequência, de um fazer diferente. Nesse sentido, a Psicanálise pode contribuir ao enxergar a importância da abertura para a circulação dos discursos de onde emergem as falas singulares. Como coloca Kupfer (2013, p.137): “Quando há circulação de discursos, as pessoas podem se implicar em seu fazer, podem participar dele ativamente, podem se responsabilizar por aquilo que fazem e dizem. Mudam ativamente os discursos, assim como são por eles mudadas, de modo permanente”.

É pela circulação da palavra que se permite a entrada do sujeito do desejo, este que a Psicanálise busca resgatar em sua prática. Dunker (2020) comenta:

A criança à qual não se supõe um sujeito e se lhe oferece apenas um desejo anônimo. É aquela que está subordinada aos cuidados do Outro, adulto. Como fixa ao tempo do acontecimento futuro, ela não é nada em si, mas apenas um vir a ser, um tornar-se indefinidamente adiado pela submissão de sua experiência atual aos seu futuro vindouro. Em relação a ela não se pede anuência, não se negocia prazos, não se concede nada além de obedecer ao que o adulto quer e precisa. Tudo isso “em nome do seu próprio bem”. A violência que recai sobre ela é o furto de sua palavra, a substituição do tempo no qual ela poderia se manifestar, ainda que como resistência e indocilidade (DUNKER, 2020, p. 60).

Na escola, o professor é o principal portador da palavra, privando-se muitas vezes da arte de escutar. Favorecer o espaço para a circulação da palavra tem como prerrogativa uma renúncia de poder. Professores sempre encarregados de falar acabam por carregar o poder que o saber de quem fala comporta, portanto, a escuta, se inicia com essa renúncia, exercício muitas vezes excluído da prática docente.

É a partir da palavra que cada um põe em evidência sua posição, história, leitura de mundo, e é também a partir dessa posição que se aprende. Escutar o outro compreende um espaço de não saber sobre ele, permitindo que ele se coloque, que se reconheça como sujeito do desejo e que seja também reconhecido pelo outro. Ter espaço para que a palavra seja colocada implica ainda na contribuição para a formação da autonomia. Como aponta Dunker (2020):

Um dos maiores desafios para pais e educadores é favorecer a autonomia da criança. Digo favorecer porque a autonomia é sempre uma conquista do próprio sujeito. Nós

podemos fornecer meios, criar situações e sustentar uma atitude que estimule a autonomia, mas ela se desenvolve sempre em torno de atos do próprio sujeito (DUNKER, 2020, p. 166).

Criar meios e situações que favoreçam a autonomia passa pela possibilidade desse sujeito colocar sua palavra em circulação e se colocar como sujeito singular. É por meio da palavra que surgem os questionamentos e que os sujeitos podem se posicionar e desenvolver o pensamento crítico. Organizar na escola um espaço de escuta permite a criação de momentos reflexivos, e com isso a oportunidade de que os sujeitos exerçam sua singularidade, elaborem seus obstáculos pedagógicos e se impliquem em seu processo de aprendizagem.

2 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa, por tratar de aspectos que envolvem a subjetividade dos estudantes no ambiente escolar, possui natureza exploratória. Segundo Gil (2002), as pesquisas exploratórias:

Têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

O procedimento adotado, neste trabalho, seguiu o modelo pesquisa-ação, já que um dos intuitos da pesquisa é a participação efetiva dos sujeitos implicados, com vistas a verificar e analisar o problema em questão e também a desenvolver ações que envolvam os participantes representativos da situação. Conforme Thiollent (1985, p.14):

A pesquisa-ação pode ser definida como um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.

A pesquisa foi realizada em uma escola da Rede Municipal de Goiânia. Atualmente, a escola atende cerca de 700 estudantes, compreendendo a educação infantil, ensino fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Os estudantes participantes da pesquisa cursam os anos finais do ensino fundamental (7º a 9º ano) que funcionam no turno matutino. A escolha dessa instituição se deu por ser este o local de minha atuação profissional, e de onde surgiram as questões a serem investigadas por esta pesquisa.

O início da coleta de dados da pesquisa se deu em janeiro de 2022 e teve seu término no mês de abril do mesmo ano. Os doze estudantes participantes foram convidados de maneira aleatória, buscando a maior diversidade possível no grupo, que englobou estudantes com diferentes perfis tanto em relação à aprendizagem como em relação à parte disciplinar. Levando-se em conta que a pesquisa busca tratar de questões relacionadas à singularidade dos estudantes, tornou-se irrelevante qualquer critério de seleção dos mesmos.

Houve um encontro inicial no qual foi elucidado aos estudantes sobre sua participação na pesquisa e como se dariam os encontros. Foi lido juntamente com eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) a fim de que não houvesse dúvidas em relação ao intuito da pesquisa e demais desdobramentos, como ganhos e possíveis danos. Foi reforçada a necessidade de autorização por parte de seus responsáveis para que eles

participassem. Buscou-se mostrar de maneira clara aos estudantes que sua participação deveria partir de seu real desejo e sua adesão seria de caráter voluntário e não relacionado a nenhuma disciplina específica e nem a notas e avaliações.

Após a adesão do estudante à pesquisa, com a assinatura do TCLE, iniciou-se a coleta de dados. O primeiro encontro com os estudantes ocorreu de forma individual. Neste encontro houve uma Entrevista inicial (Apêndice C) que foi dividida em duas partes. A primeira parte teve como objetivo a coleta de dados pessoais com o intuito de conhecer melhor o perfil dos estudantes que estavam aderindo à pesquisa. Optou-se por uma entrevista, inicialmente, dada as possibilidades que esse instrumento traz. Conforme Gil (2002):

É fácil verificar como, entre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Tanto é que pode assumir as mais diversas formas. Pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca tema específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas (GIL, 2002, p. 117).

A entrevista realizada foi parcialmente estruturada a partir de questões fixas que traziam os pontos de interesse da pesquisa, porém com a possibilidade de outros desdobramentos ou novos questionamentos ao longo da conversa, ou seja, estava prevista a flexibilidade das questões. A primeira parte da entrevista além da coleta desses dados pessoais indagava aos estudantes qual sua motivação para participarem da pesquisa e o que pretendiam obter ao final. A segunda parte da entrevista trazia as seguintes questões, conforme destaca-se o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Segunda parte da entrevista

Você gosta de vir à escola? Como se sente no ambiente escolar? Como você sente em relação aos colegas na sala? Já repetiu a série alguma vez? Você gosta de estudar? Possui o hábito de leitura? Faz as atividades que os professores aplicam? É irrequieto na escola? Em que circunstâncias? Quais as principais dificuldades encontradas na escola? O que mais gosta na escola? Quais as disciplinas que você mais se interessa? E aquelas que você não gosta de estudar? Justifique Que estilo de aula desperta mais o seu interesse? Você é participativo durante as aulas?

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

De posse dos primeiros dados coletados, após a leitura inicial, observou-se que as respostas trazidas pelos estudantes não apresentavam dados suficientes para analisar os aspectos principais da pesquisa, como as implicações subjetivas dos estudantes no ambiente escolar. As respostas se constituíram em sua maioria em respostas objetivas em que ficou evidente a ausência de uma reflexão mais profunda a respeito dos questionamentos trazidos. Nesse sentido, constatou-se que existiam várias dificuldades dos estudantes em desenvolver uma linha de raciocínio relativa às questões colocadas na entrevista. Ao observar que os estudantes não haviam, até aquele momento, refletido anteriormente sobre esses tipos de questionamentos, percebeu-se a necessidade de um elemento que os levasse a atitudes reflexivas sobre os aspectos abordados, como suas particularidades e também suas dificuldades relacionadas à escola.

A partir de então, foi apresentado aos estudantes a proposta de produção de um diário sobre a rotina escolar. Eles receberam orientação para a realização desse diário no período do contraturno e que fossem enviados também diariamente por meio da ferramenta *Whatsapp*. A proposta era que os estudantes realizassem anotações sobre o seu dia a dia, com o objetivo de observar e anotar a rotina escolar, bem como suas ações a fim de poder discutir e refletir sobre elas. Foi orientado aos estudantes que anotassem tudo que achassem relevante, tais como, informações sobre as aulas, as atividades ou as situações de outra natureza que ocorreram durante as aulas ou intervalo e expectativas em relação a atividades realizadas em sala. Deveriam colocar ainda todas as dificuldades que encontrassem em seu dia a dia e as impressões gerais sobre as aulas e a escola. Nesse momento, em 20 de fevereiro de 2022, foi criado um grupo no *Whatsapp* para trocar informações sobre a produção dos diários. O grupo serviria para que fizesse pontuações quanto à produção e envio dos diários e também seria um espaço para que eles pudessem tirar suas dúvidas em relação à produção.

Durante a produção do diário, o contato com os estudantes foi estabelecido diariamente através do grupo do *WhatsApp*. No início, realizaram relatos objetivos, constituídos somente de uma descrição sobre o seu dia a dia na escola. Após receber os primeiros diários, foi realizada uma intervenção dialógica para que enriquecessem seus relatos trazendo impressões e percepções que surgiam diante das situações do contexto escolar, como atividades ou aulas em que eles sentiram algum tipo de dificuldade, e chamando atenção para observarem de forma atenta sua rotina escolar, o que enriqueceu bastante as produções posteriores.

Dos onze estudantes que responderam à entrevista inicial no primeiro encontro, somente sete realizaram a atividade do diário de bordo. Dois estudantes informaram que por questões pessoais resolveram não participar da pesquisa e outros dois informaram que por problemas

com a internet não estavam realizando. Foi dado a eles a oportunidade de realizar a atividade por outro meio, mas mesmo assim eles não o fizeram.

Foi marcado com os estudantes para o dia 03 de março de 2022, um encontro presencial em grupo na escola para tratar sobre as questões da entrevista inicial e dos relatos dos diários. Contudo, devido a faltas por parte dos estudantes, bem como o feriado e até mesmo pelo volume de outras demandas da instituição, só foi possível que esse encontro acontecesse no dia 07 de março de 2022, até esse momento os estudantes continuaram enviando os relatos diários.

No dia 07 de março, foi realizado um encontro presencial com o grupo no qual a proposta foi a discussão sobre as questões colocadas na entrevista e também os relatos dos diários. Esse momento se deu no formato de uma conversa, na qual foi esclarecido que eles poderiam colocar suas opiniões livremente. Embora dois participantes ainda não tivessem enviado os diários demonstraram o interesse em continuar participando, portanto, a pesquisa totalizava nove participantes na ocasião. Nesse encontro houve a participação de oito estudantes e uma ausência se deu por motivo de saúde.

No primeiro momento desse encontro, houve uma discussão a respeito das questões levantadas na entrevista inicial, momento em que os estudantes puderam dar sua opinião acerca de questões destacadas, como a razão que os motivou a participarem da pesquisa e sobre a importância dos momentos de diálogo na escola. No segundo momento, foi explicado a finalidade da produção do diário e que para se pudesse prosseguir com a pesquisa, seria necessário que continuassem a produzi-los por mais uma semana e em seguida haveria um novo encontro.

Alguns estudantes continuaram fazendo os relatos diários, porém nos dias que se seguiram houve movimentos de paralisação dos professores da Rede Municipal de Educação, o que dificultou a realização dos diários por parte dos estudantes. Na semana seguinte, no dia 15 de março de 2022 iniciou-se o movimento de greve na Rede Municipal de Ensino.

Em decorrência da organização da Secretaria Municipal de Educação, durante o movimento grevista, a escola voltou a funcionar parcialmente, com o quadro de professores reduzido e, consequentemente, o quantitativo de alunos também. Dessa forma, os educandos tiveram atendimento escalonado, frequentando a escola uma ou duas vezes na semana, conforme a turma. Diante desse retorno parcial, foi solicitado aos estudantes que retomassem a produção e envio dos diários para que pudessemos finalizar a coleta de dados da pesquisa, ainda que durante a greve.

Durante esse período, porém, os relatos foram bem reduzidos, além de não estarem indo com a mesma frequência à escola, justificaram que as aulas eram sempre as mesmas, não tendo, portanto, muitos relatos novos. No dia 07 de abril, realizamos nosso último encontro, momento em que foram discutidos mais detalhes referentes aos relatos dos diários, como questões bem específicas que os alunos trouxeram sobre indisciplina e suas opiniões e formas de lidar com o assunto. Foi lido também trechos dos diários nos quais os alunos relatavam suas dificuldades em determinadas disciplinas e o grupo pode conversar sobre cada questão. Como fechamento do encontro foi solicitado que os estudantes avaliassem sua experiência de participação na pesquisa.

3 Análise e discussão dos dados

3.1 Encontro inicial

O momento inicial com os estudantes aconteceu de forma individual, no qual os estudantes deveriam responder a uma entrevista de forma oral. A primeira parte da entrevista referia-se à coleta de dados pessoais, com os objetivos de conhecer melhor esses estudantes, entender os motivos pelos quais se dispuseram a participar da pesquisa e suas expectativas em relação a ela. Os nomes dos entrevistados e dos professores mencionados foram substituídos de forma a resguardar o sigilo das respostas.

Sobre o motivo pelo qual haviam aceito o convite para participarem da pesquisa, a resposta dos estudantes de forma geral se deu em torno da afirmação de que gostariam de ter um espaço de fala na escola. As respostas para essa questão estão descritas abaixo, no quadro 2:

Quadro 2 – Motivos para participar da pesquisa

Ana Paula - <i>Para falar um pouco sobre a escola.</i> Gabriela - <i>Achei interessante poder falar.</i> Maria - <i>Gostei da ideia de poder dar minha opinião.</i> Pedro - <i>Fiquei curioso para saber como era e quis participar.</i> Camila - <i>Poder dar minha opinião sobre a escola.</i> Júlia - <i>Quero contribuir de alguma forma.</i> Isabela - <i>Para poder falar e melhorar o ensino.</i> Paula - <i>Participo de poucas atividades porque sou tímido por isso resolvi participar.</i> João - <i>Para que possa aprender mais.</i> Tatiane - <i>Para participar junto com o grupo.</i> Luíza - <i>Quero e gosto de participar das atividades.</i>
--

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

Ao serem convidados para a pesquisa foi esclarecido que ela se daria nesse movimento de conversação, em que eles poderiam falar sobre as questões envolvidas na pesquisa, o que justamente se constituiu no que motivou, principalmente, a participação dos estudantes.

Os estudantes consideraram que sua participação na pesquisa poderia apresentar um ganho tanto em sua aprendizagem quanto poderia contribuir para a melhoria de algum aspecto no que se refere à escola.

Na segunda parte da entrevista, foram colocadas as seguintes questões acerca dos estudantes e do ambiente escolar: Você gosta de vir à escola? Como se sente no ambiente escolar? Como você se sente em relação aos colegas de sala? Você já repetiu de série alguma vez? Você gosta de estudar? Faz as atividades que os professores aplicam? Quais são suas impressões sobre os primeiros anos na escola? É irrequieto na escola? Em que circunstâncias?

Quais as principais dificuldades encontradas na escola? O que mais gosta na escola? Por quais disciplinas que você mais se interessa? E aquelas que você não gosta de estudar? Justifique. Que estilo de aula desperta mais o seu interesse? Você é participativo durante as aulas?

Os questionamentos trazidos na segunda parte da entrevista tiveram como propósito criar esse espaço inicial de fala dos estudantes, no qual eles poderiam expor seus pontos de vistas sobre a escola e também sobre o seu percurso educacional.

Todos os participantes da entrevista disseram que gostavam de vir à escola, sendo que a justificativa mais recorrente para suas respostas se deu em torno das relações interpessoais que ocorrem em ambiente escolar. O conteúdo dessa resposta aparece de forma frequente no decorrer da entrevista. Quando foram questionados sobre “O que mais gosta na escola?”, as respostas dos estudantes está no quadro 3:

Quadro 3 – O que eles mais gostam na escola?

Ana Paula - De tudo, do ambiente, dos professores.
Gabriela - Das pessoas, professores e alunos.
Maria - A possibilidade de aprender com a vida e com as amigas, me sinto responsável porque na escola tenho obrigações.
Pedro - Gosto do ambiente, dos amigos, alguns professores muito bons, como a professora de matemática.
Camila - Do ensino, da educação, da organização.
Júlia - A interação entre alunos, e entre alunos e professores. Também das atividades extraclasse.
Isabela - O relacionamento com as pessoas.
Paula - Das amigas, das pessoas.
João - De arte, educação física e língua portuguesa.
Tatiane - Da educação física, dos momentos de brincadeiras, é a única aula que gosto.
Luíza - Gosto de tudo, quando os professores conversam com a gente, dos colegas, das meninas da limpeza.

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

Sobre como se sentem em relação aos colegas, os participantes enfatizam o caráter amigável que possuem com os demais estudantes. A importância das relações e vínculos estabelecidos na escola apareceu de forma recorrente ao longo de toda entrevista e é possível notar que os estudantes destacam esse mesmo caráter quando respondem sobre qual estilo de aula desperta mais seu interesse. As respostas para a questão: Qual estilo de aula desperta mais seu interesse? Foram descritas no quadro 4:

Quadro 4 – Qual estilo de aula desperta mais seu interesse?

Ana Paula - Professores que são extrovertidos e interagem mais nas aulas.
Gabriela - Atividades que interagem os alunos, que brincam, que os professores nos entendem.
Pedro - No estilo da aula de matemática, ela explica quantas vezes for necessário. Sinto que a professora tem amor em dar aula e a aula da professora Rosana pois ela respeita o tempo do aluno.
Camila - Aulas que o professor interage e coloca limites, como as aulas do professor Luiz.

Júlia - Tipo as aulas de matemática, não gosto da matéria, mas gosto muito da forma como a professora explica e interage.
Paula - Aulas que os alunos interagem, conversam e corrigem a tarefa junto.
Luíza - Aulas animadas, com a nossa participação e algo novo para ver.

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

A relação que os estudantes estabelecem com colegas e professores é de caráter extremamente relevante na escola. Quando discorre sobre o estilo de aula que desperta mais seu interesse, o perfil do professor é citado na maior parte das vezes. Essa observação por parte dos estudantes demonstra o quanto influencia na escola, e consequentemente na aprendizagem, a forma como o estudante enxerga o professor. Voltolini (2011, p. 34) nos diz que “[...] é mais decisiva do que os esforços envidados conscientemente na condução de um trabalho”.

Essa espécie de aura transferencial se presentifica na fala dos estudantes, e tem um importante lugar pois aparecerá de forma significativa ao longo da pesquisa. Isso reforça o quanto essa percepção, que é de ordem subjetiva, influencia os sujeitos também em seu percurso escolar.

Dos onze alunos entrevistados, oito relataram que em algum momento ficam irrequietos em sala de aula, relacionando esses momentos a situações de ansiedade ligadas ao cotidiano escolar e determinadas aulas. Sobre a questão: “É irrequieto na escola? Em que circunstância?”, as respostas dos alunos foram descritas no quadro 5:

Quadro 5 – É irrequieto na escola? Em que circunstância?

Gabriela - Sim, com muita frequência quando a sala está muito barulhenta, sinto tremores, falta de ar, ansiedade.
Maria - Sim, sou muito ansiosa, por qualquer coisa, se for uma professora que não gosto muito espero que acabe logo.
Camila - Fico ansiosa, sinto vontade de movimentar e não pode.
Isabela - Em alguns momentos, me sinto ansiosa quando vou passar por avaliação.
Paula - Às vezes, começo a roer as unhas, mas não sei dizer quando isso acontece.

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

Quanto às dificuldades relacionadas à escola, a maior parte dos estudantes citou as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, citando os componentes curriculares ou metodologias com as quais encontram os principais entraves. As respostas a esse questionamento foram dispostas no quadro 6 a seguir:

Quadro 6 – Dificuldades no processo de ensino-aprendizagem

Ana Paula - Só em matemática, na escola de forma geral não encontro dificuldade.
Gabriela - Sinto dificuldades em matemática, e sinto dificuldade em socializar após a pandemia, antes não era assim, quero fazer novas amizades, mas não consigo.
Maria - Difícil aprender com os professores que não gosto, que são aqueles que são mal educados ou que parecem não estar com vontade de dar aula.

Camila - Em alguns momentos eu não entendo mesmo com a explicação repetida dos professores. É muito chato querer falar com a professora e ela ser mal educada e autoritária.

Júlia - Em relação à disciplina que a escola estabelece e que na maior parte das vezes os alunos não cumprem, como o uso dos uniformes.

Isabela - Problemas relacionados a leitura e interpretação, a timidez também é um problema de muitos colegas. O relacionamento entre professores e alunos, a falta de respeito dos alunos que estão sempre conversando, acho que a maior parte das turmas é indisciplinada. A forma como os professores ensinam também pode ser difícil entender e muitos professores não repetem o conteúdo explicado.

Paula - Aprender matemática e às vezes os colegas pegam no pé.

João - Dificuldade em algumas aulas, principalmente a que a professora reclama muito com os alunos devido ao comportamento ou simplesmente não estar com o caderno na mesa ou olhando para ela.

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

Cada estudante relatou de maneira particular as dificuldades com as quais lidam. Nesse sentido, a ação extensionista desenvolvida durante a pesquisa, buscou realizar essa escuta dos estudantes em suas particularidades, entendendo que o reconhecimento dessas dificuldades tende a contribuir para a prática escolar, já que lança luz sobre a fala desses agentes que são parte constituinte do processo educativo, tanto a escola quanto o próprio estudante podem se valer desse reconhecimento acerca de suas limitações. A pergunta anterior obteve respostas mais específicas ainda a partir do questionamento feito em seguida: “Quais disciplinas gosta de estudar e quais não desperta seu interesse?”. As respostas que foram dadas no quadro 7:

Quadro 7 - Disciplinas que gosto de estudar e as que não despertam o interesse dos alunos

Ana Paula - Tenho interesse em língua portuguesa, arte e história e tenho dificuldades em matemática e inglês.

Gabriela - Interesse- me por arte, matemática e inglês pois tenho afinidade, que eu não gosto não tem nenhuma.

Maria - Interesse por arte, gosto de teatro pois me ajuda com a timidez. Matemática eu gosto da professora e consigo aprender com ela e língua portuguesa gosto de textos e dos professores. Não gosto de projeto em linguagens porque a professora é muito mal educada com os alunos e não deixa ir ao banheiro.

Pedro - Gosto de língua portuguesa, mas não tenho afinidade com a professora. A professora Suzana era muito boa. Não gosto de inglês e não tenho vontade de aprender.

Camila - Me interesse por língua portuguesa, matemática e arte, são fáceis e interessantes. Ciências, história e geografia tenho dificuldades.

Júlia - História e língua portuguesa tenho afinidade e não gosto de matemática, acho muito difícil.

Isabela - Gosto de língua portuguesa poque gosto de ler e de educação física pela movimentação. Ciências e história eu não gosto e matemática eu acho muito difícil, conteúdos novos e muitos conteúdos.

Paula - Ciências e geografia é bem interessante o assunto, e língua portuguesa e linguagens eu acho difícil.

João - Tenho interesse em arte, educação física e língua portuguesa, não gosto de projeto em linguagens.

Tatiane - Tenho interesse em educação física, não gosto de língua portuguesa e matemática, a professora de língua portuguesa cria uma guerra fria com os alunos, reclama de arrastar cadeira. E matemática eu acho difícil o estudo com as letras.

Luíza - Língua portuguesa e inglesa tenho mais afinidade, tenho dificuldade em geografia porque acho muito confusa a matéria.

Fonte: acervo de pesquisa (2023).

Diversos fatores entram em questão quando o assunto se refere às dificuldades encontradas pelos estudantes. Essas dificuldades estão relacionadas ao universo particular de cada um, nos quais seus campos de interesse e novamente a relação com os professores tem papel preponderante. As especificidades apontadas por essa questão nos remetem à particular relação que cada estudantes estabelece com o ensino e com a escola, relações estas que estão sempre permeadas pela subjetividade. Os fatores citados pelos estudantes, como a interação nas aulas e perfil do professor, refletem também em seu processo de aprendizagem, como nos indica Voltolini (2011):

Apreender indica muito mais uma operação ativa, de ir lá e pegar algo no campo do Outro, do que receber passivamente algo que o outro me ensina. Não há dúvidas de que há ensino, ação deliberada de alguém que visa pôr em-signos alguma coisa, mas o que se aprende não está condicionado estritamente por isso (VOLTOLINI, 2011, p. 33).

Ainda que se possa utilizar um saber como referencial para o direcionamento pedagógico, ou mesmo o constante aprimoramento das metodologias, a aprendizagem não está condicionada somente por isso. Como nos diz Voltolini (2011, p. 45): “[...] independentemente do método escolhido, a condução metodológica do trabalho educativo fica, portanto, condicionada a algo extrametodológico: o (des)encontro com a criança.” Esse (des)encontro com a criança implica necessariamente em considerar nesse aluno a categoria de sujeito. Esse sujeito do qual nos fala a Psicanálise, que não pode ser descrito ou medido pela ciência uma vez que ele é resultado de um percurso absolutamente individual, constitui a sua história diante da educação escolar também com suas particularidades.

Levar em conta esse sujeito do desejo é compreender que cada sujeito terá sua forma particular de se relacionar com os objetos de conhecimento. Como nos diz Kupfer (2013, p.128), “[...] a entrada em cena do sujeito, determinado por uma estória bastante particular, efeito de seu encontro com a linguagem, faz pensar na necessidade de nos debruçarmos sobre cada criança, na tentativa de acompanhar com ela seu *modo* peculiar de aprender ou de não aprender”. Essa abertura para o outro só pode se dar a partir da participação na vida do estudante, na escuta de suas particularidades e no estímulo para que ele mesmo se coloque como sujeito em seu processo educacional.

3.2 Diário de bordo

O instrumento diário de bordo desenvolvido pelos estudantes teve como objetivo a realização de relatos diários sobre o dia a dia escolar. O intuito foi que os estudantes adquirissem o hábito de observar e anotar a rotina escolar, e a partir daí, expressar seu ponto de vista e desenvolver uma prática reflexiva sobre suas ações e sobre a escola de uma forma geral. Para tanto foi orientado que os estudantes fizessem anotações diárias de sua rotina escolar, relatando todos os aspectos que considerassem relevantes, informações sobre as aulas ou qualquer tipo de situação que lhes chamasse a atenção durante a aula ou intervalos, tendo em vista que é relevante para a pesquisa a forma como o estudante percebe o ambiente escolar como um todo. Daí a importância que os estudantes fizessem relatos pessoais, registrando suas impressões e sensações sobre esses momentos.

Trechos dos diários foram selecionados para leitura e discussão em grupo ao longo dos encontros. Essa seleção foi baseada em aspectos que apareceram de forma recorrente nos relatos e para os quais uma discussão em grupo daria a oportunidade aos alunos de expressarem suas opiniões sobre as situações relatadas. Os diários produzidos pelos estudantes podem ser lidos na íntegra no Anexo A.

Nota-se que os primeiros registros feitos pelos estudantes contavam com relatos objetivos, utilizando o formato de relatórios de aulas, que indicavam somente as disciplinas que haviam estudado naquele dia e as tarefas realizadas, assemelhando-se a um roteiro da aula. Após tê-los orientado a produzir o diário com maior riqueza de detalhes, os estudantes passaram a produzir relatos mais elaborados e contando com mais pessoalidade. A partir daí eles passaram a imprimir, de modo mais detalhado, suas sensações em relação às aulas, às dificuldades que vinham encontrando no dia a dia, bem como às situações cotidianas, como a indisciplina e algumas situações de conflito relacionados a rotina escolar. Em seus relatos, pode-se também observar algumas sugestões em relação à escola e às situações aí vivenciadas. A produção dos diários aconteceu durante cerca de um mês. Nesse período, nem todos os estudantes realizaram o diário de forma regular. O envio diariamente dos diários ocorreu por meio da ferramenta *Whatsapp*.

A produção dos diários permitiu aos estudantes ampliarem sua percepção acerca de si mesmos como estudantes, valorizando o saber que ele traz consigo. Em Voltolini (2011, p. 43):

Freud parece condenar qualquer ilusão de um saber exterior ao sujeito, ainda que não elimine a importância que um dado saber referencial pode representar. Este não poderia, entretanto, ser veiculado sem que contasse, em sua execução, com o peso de uma interpretação, sempre particular, de sua significação. Desde que haja relação com

o outro estou inelutavelmente remetido a mim mesmo. Nenhuma ilusão de saber exterior, objetivo, pode colmatar essa implicação subjetiva. No saber objetivo que se estabelece sobre a criança sou parte integrante dele (VOLTOLINI, 2011, p. 43).

Daí a importância de que o estudante também possa imprimir sua visão. O que abriu os caminhos para que posteriormente sua palavra fosse colocada em circulação, através dos momentos de escuta. Criar espaços de fala e escuta não se relaciona aqui a criar momentos para a imposição de regras aos discentes sobre a escola ou reafirmação dos preceitos da instituição, e sim para a permissão de que a fala singular dos estudantes possa abrir caminhos para novos tipos de relações, essencialmente no que se refere à relação do estudante com o ensino e com a escola.

3.3 Momentos de diálogo

Após a produção dos diários foram realizados na escola dois encontros com os estudantes participantes da pesquisa, a fim de estabelecer momentos de conversação sobre as informações trazidas na entrevista e na produção dos diários. A fala dos estudantes foi transcrita sem correções.

3.3.1 1º encontro

O primeiro encontro em grupo com os estudantes ocorreu de forma presencial. Participaram desse momento oito estudantes, uma estudante não compareceu a escola nesse dia e os demais já haviam se retirado da pesquisa.

Foi iniciada a conversa explicando que iria tratar com os alunos sobre algumas respostas que foram dadas na entrevista inicial e que a dinâmica se daria na forma de uma conversa em que eles poderiam expressar suas opiniões para que pudéssemos estabelecer uma discussão em grupo.

O início da fala começou com os estudantes, através da discussão da pergunta da entrevista em que eles foram solicitados a falar sobre o que havia despertado seu interesse em participar da pesquisa. Foi mencionado e discutido que alguns alunos pontuaram questões bem específicas, como o interesse em estar próximo ao grupo ou ser mais participativo na escola, mas que, de forma geral, o que mais apareceu nas respostas foi o interesse em “poder falar sobre

a escola”. Então, foi solicitado aos presentes que eles falassem um pouco sobre esse interesse e qual a importância disso para eles, *Isabela* respondeu:

Pra gente falar sobre o que a gente gosta ou não gosta, poder dar nossa opinião abertamente, se a gente precisasse escrever como um relatório seria uma coisa mais formal, já na forma de se expressar conversar com outra pessoa é mais prático, você consegue colocar mais pra fora o que você queria dizer.

A pesquisa partiu da entrevista, passou pelo momento das produções individuais dos diários, mas com o intuito de trazer para o centro os momentos de fala, dada a importância dessa atividade, que de todo modo evidencia a presença do sujeito.

Foi perguntado se havia espaço na escola para esses momentos de fala dos alunos, *Isabela* continuou dizendo: *“De vez em quando, depende, tem professor que libera para você dar sua opinião, tem professor que não, só quer seguir com a matéria, depende do professor, da aula”*.

Luíza fez a seguinte observação:

“Na minha opinião todos os professores dão abertura para os alunos falarem abertamente, mas o que mais fecha sobre isso são os outros alunos, que pelo menos na minha sala são muito tímidos, nem sempre participam, nem sempre conversam, mas na minha sala tem muito espaço de poder conversar”.

Foi explicado aos alunos que a pergunta não se referia à participação deles durante as aulas no que se referia aos conteúdos escolares, mas sobre outros aspectos, como as particularidades dos estudantes e suas opiniões sobre outros fatos transcorridos na escola, *Luíza* disse: *“Eu gostaria que tivesse e raramente tem, talvez fosse possível na aula de português onde a professora pode passar alguma redação pra falar sobre isso, acho que seria mais nessa aula, mas até agora não entramos nesses assuntos”*

Isabela pontuou: *“Geralmente os professores tendem mais a seguir a matéria, deixa outras questões de lado e quando entramos nesses assuntos eles pedem pra falar com os coordenadores, dentro da aula em si não”*.

Todo o grupo concordou que na escola não existem muitos momentos e espaços para falar sobre questões relativas ao ambiente escolar, como as dificuldades particulares de cada estudante ou mesmo sobre situações de conflitos vivenciadas. Tais questões, segundo eles, não são tratadas pois, geralmente estão ocupados com a aprendizagem de conteúdo específico de cada matéria. Diante dessa conclusão, foi comentado com os estudantes que, ao realizar a entrevista inicial, notou-se que eles apresentaram dificuldades em responder e a refletir sobre

algumas perguntas, mesmo aquelas que envolviam suas preferências e dificuldades em relação à escola, e que havia atribuído essa dificuldade ao fato de não terem como prática na escola, uma atitude reflexiva perante o seu processo de ensino-aprendizagem. Sobre essa afirmação a aluna *Isabela* opinou: *“Eu já tinha pensado, só que nunca tinham me perguntado sobre isso, então uma pessoa vir me perguntar foi bem diferente, então tendo um tempo maior eu refleti mais sobre a sua pergunta do que eu mesma pensando sozinha sem ninguém me perguntar”*.

Foi questionado se isso aconteceu com a maioria deles ao que a *Camila* disse:

Acho que com todo mundo, porque como ela falou, a gente reflete com a gente, a gente não tem costume de uma pessoa chegar e falar: qual sua dificuldade em tal matéria, ainda mais a coordenadora da escola. Ninguém chega em mim e fala: Qual sua dificuldade em tal matéria?! E aí quando acontece você fica assim: Não sei.

A fala das estudantes são marcadas por certa estranheza diante do interesse da pesquisa em saber a respeito de cada um deles e daquilo que pensam. A escola toma quase sempre a posição do saber, o ato de fazer perguntas sobre os estudantes e suas particularidades demonstram uma condição de não saber tudo acerca dele, como nos lembra Dunker (2020, p. 123) “Escutar demanda trabalho de assumir uma posição de desconhecimento, de ignorância”, que muitas vezes está alheio à escola, por vezes tida como aquela que detém o conhecimento. Favorecer aquilo que o estudante fala consiste também em um convite para que ele mesmo reflita sobre aquilo que ele traz consigo, reconhecendo-o como portador de um saber prévio e que possa fazê-lo perceber sua posição de sujeito singular.

O aluno *Pedro* disse: *“Quando a gente começa a falar sobre isso com os professores na sala eles dizem que a gente não pode perder tempo porque nós perdemos dois anos de aula.”*

Foi explicado a eles sobre a importância de lembrar da escola antes da pandemia para pensar essas questões, já que a pandemia foi uma situação atípica e que nos interessa as práticas escolares que vêm sendo desenvolvidas ao longo do tempo. *Gabriela* disse: *“Dependia muito do professor e da aula, se depois que passasse o conteúdo todo mundo tivesse terminado nós podíamos ter uma conversa mais aberta.”*

Foi feita uma pergunta aos alunos se eles achavam que pensar sobre essas questões, como eles disseram que pensavam isoladamente, tinha o mesmo sentido que realizar esses momentos de conversação. A aluna *Isabela* disse: *“Não, porque na nossa cabeça a gente pensa uma coisa e quando a gente vai falar já sai mais coisas, a gente acrescenta mais”*.

A Psicanálise nos fala sobre a distância entre aquilo que se pensa e aquilo que fala. Esse fato evidencia como o ser humano é atravessado por essa outra ordem, o inconsciente, que se

faz presente por meio da linguagem. Como afirma Longo (2006, p. 22) “[...] a linguagem é a condição do inconsciente ou o inconsciente é a condição da linguagem. A linguagem existe porque existe o inconsciente, ou vice-versa.”

Como salienta Voltolini (2011, p. 36), “em todo ato de fala há uma dupla emissão: aquela que tem a ver com o que queremos emitir e aquela que transmitimos à revelia de nossa vontade, mas que igualmente influi na comunicação com o outro e é ponto decisivo na questão educativa.” Daí a importância de que o sujeito possa falar, permitindo que se coloque aí sua subjetividade.

Luíza disse: *“Fora que a gente se expressa bem mais ao falar e estamos compartilhando uma coisa que a gente pensa e que tem mais informações.”*

Ao longo das atividades, refletiu-se sobre a importância do diálogo, da troca de ideias e da possibilidade de falar na escola. E ainda sobre como esses diálogos poderiam conduzir à reflexão sobre as situações vivenciadas na escola e sobre o percurso educacional de cada estudante. A participação do estudante em seu processo de aprendizagem exige ao mesmo tempo que ele ocupe uma posição ativa e que a escola favoreça sua autonomia. Dessa forma, é possível promover na escola uma circulação dos discursos. Kupfer (2013, p. 136) pontua que “[...] quando há circulação dos discursos, as pessoas podem se implicar em seu fazer, podem participar dele ativamente, podem se responsabilizar por aquilo que fazem ou dizem. Mudam ativamente os discursos, assim como são por eles mudados de modo permanente”.

Na fala dos estudantes, ao responderem sobre sua intenção ao participarem da pesquisa e também no momento inicial de diálogo em grupo, fica evidente o interesse em ter espaço para falarem na escola além dos conteúdos estudados, mas também sobre assuntos como suas dificuldades e preferências. De fato, a escuta dos estudantes não é com frequência uma prática instituída na escola, uma vez que essa instituição já carrega a incumbência de conduzir a aprendizagem supondo ser esse o papel do professor, cuja formação lhe dariam os meios necessários para atingir esse fim. De fato, a aprendizagem se relaciona a técnicas de ensino, mas seria enganoso dizer que está condicionada somente a elas. A forma como cada estudante toma o ensino se relaciona com sua configuração subjetiva, indicando um percurso educacional único.

Durante a entrevista inicial, os estudantes citaram em vários tópicos a palavra “interação” como um fator importante e que despertam seu interesse pela escola. A partir dessas citações, iniciou-se uma conversa sobre as interações no ambiente escolar e sua importância na visão deles. A aluna *Isabela* disse:

Muitos alunos aqui, saem da escola e vão direto pra casa então a escola é como se fosse um “passeio” porque você fica com seus amigos, você brinca, você se diverte, mas muda muito de um aluno pro outro, muita gente fala: eu não gosto da escola, porque é chato, porque tem aula e professor que eu não gosto, mas isso não é só na escola, então vai muito opinião da pessoa, como a Luíza falou, eu gosto de tudo aqui, inclusive das tias da limpeza que são pessoas maravilhosas.

Os outros estudantes concordaram com o adjetivo dado aos profissionais da limpeza. Durante a entrevista inicial, acerca do questionamento “O que mais gosta na escola?”, a estudante Luíza já havia citado esse ponto: *“Gosto de tudo, quando os professores conversam com a gente, dos colegas, das meninas da limpeza”*, então, foi questionado sobre o que eles queriam dizer com essa qualificação. A aluna Isabela disse: *“É uma pessoa super educada, simpática, sabe conversar com a gente, não é igual aqueles professores ‘engomadinhos’.”*

Sobre o uso dessa expressão, a aluna disse: *“É um professor que não chega de boa, ele diz: eu sou o professor e você tem que me respeitar”*.

Na visão dos estudantes, a maioria dos professores agem dessa maneira. Continuou Isabela: *“A gente vai fazer um abaixo assinado para tirar a professora Marta e colocar a professora Rosana. A professora Marta é ignorante, ela não tem jeito pra falar com a gente”*. Luíza: *“Eu sou suspeita pra falar porque eu gosto da professora Marta, eu gosto da aula dela, e eu acho que a gente não pode olhar só o fato dela ser uma pessoa um pouco grossa, acho que a primeira coisa que a gente tem que olhar é que ela é uma ótima professora, o conteúdo dela é ótimo. Tudo que ela fala eu compreendo, por isso eu gosto da aula dela.”*

A discussão em torno dessa situação passou a dividir opiniões a respeito do tema e da relação dos estudantes com a professora. Nesse movimento de exposição de ideias contrárias, alguns dos estudantes passaram a se identificar com o posicionamento da estudante que trouxe outra visão sobre a professora em questão. Essa dinâmica do grupo e da conversação tende a favorecer esse tipo de situação já que favorece essa exposição e esse conflito de ideias diferentes. Voltolini (2018, p. 93) nos fala que o dispositivo grupal:

[...] favorece também o desenvolvimento do dizer e da simbolização. Nisso, aliás, reside seu principal mérito. Uma palavra bem colocada pode promover uma reviravolta na questão em pauta, não por seu valor esclarecedor de uma dúvida, mas por ajudar a ressituar a própria dúvida, a desvelar a implicação subjetiva subjacente.

Por meio do dizer de um participante, os demais foram convidados a repensarem as questões que estão sendo colocadas, permitindo uma mudança ou não de posicionamentos, que podem se fazer muitas vezes engessados dentro da escola e que podem representar em grande

medida o que se coloca como obstáculo a alguns. A possibilidade de que as ideais possam ser contrapostas permite que os estudantes se coloquem em ação no ambiente escolar, que sintam que sua palavra e suas opiniões são valorizadas.

Quando foi discutido essas situações conflituosas entre professores e alunos, foi proposta a seguinte questão: *“Vocês já falaram com o professor em sala sobre essas situações que vocês consideram desagradáveis, já tentaram ter um diálogo sobre esse assunto?”*

A aluna Isabela disse: *“Tenho medo de dialogar com o professor”*.

Luíza completou: *“A gente fala de uma maneira muito diferente de vocês, então as vezes o que a gente fala eles entendem de forma grosseira, e muitos professores vem com ignorância, grosseria”*.

Os alunos prosseguiram relatando sobre situações conflituosas em sala de aula, ao que a aluna Camila exemplificou: *“Teve uma professora que quando eu pedi pra ir ao banheiro ela gritou dizendo que eu iria ao banheiro se ela quisesse, mas ela não está com a minha vontade de ir ao banheiro, não pode saber, e não devia ter gritado”*.

Tatiane completou: *“Ela já falou isso várias vezes que ela não estava aqui pra ser amiguinha de aluna e sim pra dar aula”*.

Sobre essa afirmação Luíza disse:

Eu acho que tem mesmo que ter essa relação de aluno e professor na sala, eu vou dar o exemplo da sua aula porque fui sua aluna dois anos e é muito diferente quando a gente tem essa relação de professor e aluno mas é aquela relação saudável onde a gente pode ser sincera com o professor, como eu consigo ser sincera com você, com ela(referindo-se a uma professora) é muito diferente da gente conseguir ter um diálogo informal e legal, um diálogo respeitoso, nem sempre dá pra ter isso com todos os professores.

Isabela disse:

A gente tem mais abertura de falar com a professora Rosana, pois a aula dela é uma aula mais descontraída, já a professora Marta, nem sempre é, por mais que ela seja uma boa professora, tem alguns pontos que ela tem que mudar, e nós também. Eu me considero uma boa aluna, mas o restante da sala as vezes é muito indisciplinada e aí complica pra gente.

Luíza completou:

Nós recebemos muito bem o professor novo de História, porque logo no primeiro dia ele disse: se vocês falarem de um jeito ríspido comigo eu vou comentar com vocês, agora se vocês acharem que eu fui grosseiro ou tratei vocês com falta de educação, vocês me comuniquem que eu vou saber que falei assim com vocês e vou tentar mudar.

Os sentimentos expressos pelos estudantes em relação aos professores demonstram novamente como essa relação é significativa no ambiente escolar e acabam por reverberar na relação dos estudantes com o ensino. Os estudantes não passam alheios a essas relações. Como expressa Coutinho e Poli (2020):

Essa relação de transferência aparece sob a forma de uma ambivalência do aluno em relação ao professor, e por outro lado, repercute sob a forma de um mal-estar recorrente na prática educativa com adolescentes. Assim, o adolescente pode tanto se identificar com o mestre quanto desqualificar sua autoridade (COUTINHO; POLI; 2020, p. 285)

Esse mal-estar acaba por gerar esse caráter conflituoso no ambiente escolar. À luz da Psicanálise, no entanto, o caráter conflituoso é inerente à experiência humana, decorrente do dilema existente entre o indivíduo e a civilização. Portanto, impossível de ser afastado da prática educativa. Uma vez reconhecido como peculiar a essa prática pode se chegar à conclusão de que esse mal-estar não demonstra impotência da escola em cumprir seu encargo, mas revela um tensionamento de toda forma intrínseco à trajetória humana.

A aluna *Isabela* disse:

“Você pode perceber que a gente tem muito mais liberdade com você e com o outro coordenador do que com outros professores, com vocês eu falo: você pode ir ali na sala? Quando é com o professor eu preciso falar: professor você poderia por favor. Tem que falar de forma formal”.

Foi perguntando a que ela atribuía essa diferença de tratamento, então, ela respondeu: *“Porque vocês nos dão liberdade de expressar, com o professor não é que a gente não tenha liberdade, mas às vezes a gente tem medo dele achar ruim, de achar que estamos com ignorância, e aí vocês acreditam nele e não na gente”.*

A aluna *Júlia* disse:

“Quanto a liberdade de falar com a coordenação ou com os professores. Outro dia a nossa turma ia fazer a votação pra decidir a cor da camisa, eu falei para a professora: Olha a gente precisa decidir a cor da camisa, a senhora poderia liberar cinco minutos da aula? E ela liberou, então eu acho que depende da pessoa. Eu falei com ela no canto da sala, eu evito falar pra toda a sala, assim eu consigo falar melhor com o professor.”

A conversa que se deu entre os estudantes acerca desse assunto serviu como fundamento para pensarmos sobre a experiência do diálogo, pois, por meio dele cada um pode expressar sua opinião, ser escutado, escutar o ponto de vista dos colegas e pensar sobre a situação exposta sob vários outros olhares.

Os momentos de diálogo sobre essas situações vivenciadas pelos estudantes permitiram que eles pudessem expressar seus incômodos em situações corriqueiras vivenciadas no cotidiano, como esses conflitos entre professores e estudantes e, ainda, ouvir os demais colegas e suas opiniões sobre as mesmas situações. Esses momentos de diálogos se deram também em torno das especificidades de cada estudante no percurso educacional. Em conjunto com a produção do diário, foi possível ao estudante estar atento a questões que estão mais na ordem particular, como as dificuldades apresentadas em cada disciplina específica. Para isto, é fundamental que tanto estudantes como professores adotem a prática da observação, estar atento e refletir sobre este cotidiano.

O tempo previsto para esse encontro era de uma hora, porém, surgiram muitas questões para discussão, o que estendeu o encontro para mais uma hora. Após esse período, a finalização da atividade, foi enfatizada a importância de continuarem a fazer os registros e passou-se a orientação para que fizessem de maneira espontânea relatando e refletindo sobre o que achassem mais relevante. O encaminhamento final foi de que eles fariam o registro por mais uma semana e depois haveria mais um encontro. E assim encerrou-se a reunião.

3.3.2 2º encontro- Diário de bordo: momentos de reflexão

O segundo encontro em grupo com os estudantes foi realizado na escola no dia 07 de abril de 2022. A proposta para esse momento era dialogar sobre as produções dos diários e sobre as questões levantadas por eles nos relatos. Ao final desse encontro, os estudantes fariam uma avaliação da sua participação na pesquisa.

Foi explicado que seria discutido um pouco sobre as questões que eles trouxeram nos diários referentes a problemas ou entraves encontrados na escola. Este também seria o momento para o relato de boas experiências, ainda que o foco do debate fosse sobre as dificuldades encontradas. Esse momento foi pensado para priorizar a fala dos estudantes, para além da intenção de resolução de conflitos, um momento de identificação e análise das situações e dificuldades enfrentadas, com a possibilidade de que o sujeito pudesse se colocar em cena. Pelo uso da palavra permitir o reconhecimento do sujeito pelo outro e também por ele mesmo.

Foram selecionados alguns relatos dos diários para serem lidos e discutidas as questões relacionadas pelos estudantes. O primeiro relato foi o do diário de *Gabriela*:

Por causa minha e da outra representante a aula não foi vaga. Estava sem aula por causa do discurso/ palestra sobre o dia da mulher para o nono ano. Confesso que eu

iria deixar daquele jeito, mas a minha sala é extremamente barulhenta e não deu. Sinto dó é dos professores de ter que entrar na minha sala.

A partir da leitura de trecho do diário da estudante, foi proposto ao grupo falasse um pouco sobre a indisciplina na escola e como ela afeta a rotina escolar e a aprendizagem dos estudantes. Parti desse ponto pois o tema indisciplina apareceu também em outros relatos dos diários, a aluna *Isabela* pontuou:

Acho que a gente já tem mentalidade suficiente para diferenciar a hora de conversar ou não, as vezes o professor cansa de falar, o aluno é tão chato e desnecessário que as vezes a professora prefere deixar de lado. Por exemplo, a professora matemática, coitada, eu acho ela demais, mas ela passa uns perrengues, porque ela é muito de boa, ela é muito paciente. Se eu fosse professora eu não teria essa paciência. Mas eu não concordo com o professor ser muito rígido, porque aí o aluno não gosta, se torna uma aula desinteressante, já a professora de matemática deixa um espaço para brincar, mas outro dia ela foi dar aula e estava doente e não conseguiu. Eu não concordo com o professor ser muito rígido, fica sem graça, a gente não se sente à vontade. Não tem como aprender ser você está ali parado e não pode falar nada.

Camila:

Lá na minha sala, todo mundo conversa, não cala a boca hora nenhuma, quando a gente pede silencio ninguém escuta, aí a gente deixa. E tem uma menina na minha frente que fica o tempo todo mandando calar a boca e ela fala pra mim: Camila faz alguma coisa! Mas o que eu vou fazer? Eu vou ser xingada.

Luíza:

Eu achei interessante a forma como a professora de Ciências faz. No primeiro dia que ela foi dar aula pra gente ela disse: gente eu não me importo de vocês fazerem tarefa e conversar baixinho, eu não me importo com isso o que eu acho ruim é vocês ficarem falando alto e não fazer a tarefa, e eu não vou ficar gritando com vocês.

Pedro:

Eu fico vendo na escola essa questão da regra. Lá fora, em casa, a gente não tem isso. A gente já chega na escola e tem que acostumar com as regras daqui, com coisas que a gente tem que cumprir. E depois de tanto tempo que os alunos estão na escola seguir essas regras acaba se tornando uma coisa ruim. Na minha casa eu mexo no meu celular a hora que eu quero, aqui a gente chega e precisa cumprir a regra da escola..

Além de promover os momentos de discussão em grupo, o intuito da produção do diário era que os alunos pudessem observar melhor sua rotina escolar e que tivessem uma postura reflexiva a partir dessa observação. Uma forma de pensar a realidade, refletir sobre suas vivências e sobre as peculiaridades de seu percurso como estudante. Foi enfatizado para eles que algumas questões apareceram de forma recorrente nas produções. É possível junto ao estudante observar o que produziram e perceber pelos assuntos tratados como algumas questões influenciam ou mesmo determinam sua trajetória escolar. Como exemplos, foram destacados

os trechos a seguir dos diários da aluna *Camila*, com destaque em negrito para aspectos que podem ser observados repetidamente. Descritos no quadro 8 a seguir:

Quadro 8 – Trechos do diário da aluna Camila

22/02/2022

Hoje eu cheguei na escola por volta de 6:54 e depois fui pra sala de aula e tive aula de matemática estudamos expressão numéricas eu achei um pouco complicado mais logo depois eu entendi e consegui fazer algumas, a segunda aula foi matemática novamente e estudamos representação de proporcionalidade entre duas grandezas, a terceira foi artes e tivemos que fazer imagens com formatos de triângulo eu achei complicado mais depois consegui daí nós foi lanche e logo depois foi recreio que eu conversei e fiquei com as amigas, a quarta aula foi educação física e estávamos ensaiando pois é um trabalho que o professor pediu, e **a quinta aula foi inglês agente fez um texto em inglês e tinha que traduzir eu achei bem complicado e não consegui entender muito mais pedi ajuda e deu certo mais inglês não é minha praia** e foi isso meu dia na escola.

23/02/2022

Hoje eu cheguei na escola entrei na sala e minha primeira aula foi educação física e ensaiamos a coreografia eu senti um pouco de vergonha por esta dançando e inseguranças mais depois passou a segunda aula foi de projetos de português estudamos sobre diário íntimo interpretação, eu adorei achei uma atividade bem fácil eu amei a aula pois a professora Rosana e a minha professora preferida pois ela sabe interagir e conversar, **a terceira foi inglês eu fiquei bem desanimada pois não gosto de inglês não consigo aprender ela corrigiu as tarefas** depois lançamos as 9:05 e 9:30 fomos para o recreio, a quarta foi português estamos estudando sobre o comportamento dos adolescentes achei a aula incrível fácil o professor interagiu bastante, e a quinta foi matemática que no começo achei bem complicado pois não estava entendendo muito mais logo consegui.

24/02/2022

Meu dia na escola hj foi bem agitado eu cheguei **a minha primeira aula foi inglês agente traduziu um texto eu acho a matéria inglês complicada não consigo me dar bem com essa matéria**, segunda aula foi projetos de português fizemos um conto do príncipe sapo eu fiz um conto com o nome a princesa sapo eu achei muito interessante eu gostei pois foi uma coisa fácil e eu consegui aprender, a minha terceira foi português agente lanchou depois fomos para o recreio daí conversamos com o professor sobre histórias de terror que passamos e depois ele corrigiu as nossas tarefas eu adorei poder comentar algumas histórias interagir ali naquele momento me senti confortável, a quarta aula foi matemática agente conversamos sobre o mesmo assunto de ontem a professora ensinou de outra forma eu achei um pouco difícil pois eu preferi da primeira vez pois achei mais fácil, a última aula foi educação física ensaiamos aula de dança e amanhã já vamos ensaiar fiquei bem contente pois ficamos sincronizadas e vamos conseguir entregar um trabalho bom depois conversamos um pouco e foi embora foi isso meu dia! 😊

25/02/2022

Oiii hoje cheguei na escola bem animada mesmo sendo sexta a nossa primeira aula foi inglês e eu acho inglês muito complicado tenho muita dificuldade, a segunda aula foi português o professor contou quantos vistos pra média de nota eu fiquei muito feliz pois tenho todos os vistos dele depois agente foi pegar emprestado o livro de português em outra sala pra gente copiar algumas questões eu achei a aula incrível eu aprendi o conteúdo, a terceira foi artes a professora passou uma figura de formas abstratas eu comeci a pintar mais logo fomos lanche depois continuei a pintar e fomos para o recreio eu achei a aula animada interativa e bastante comunicativa adorei, e a quarta foi história falamos sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia eu achei muito bom o professor falar desse assunto eu estou com medo dessa guerra mais entrego minha vida nas mãos de Deus e depois fomos embora esse foi o meu dia! 🍀😊

Fonte: acervo da pesquisa (2023).

Passando a palavra a *Camila*, ela pode discorrer um pouco sobre as dificuldades destacadas nos diários e coletivamente foi pensado cada questão levantada pela aluna e também em possíveis estratégias para lidar com as dificuldades pontuadas. A partir dessas reflexões, a própria estudante pode elaborar melhor sobre as questões que vinha trazendo, desconstruindo alguns pensamentos sobre suas dificuldades ou incapacidades de lidar com esses aspectos.

A continuidade da reunião se deu com a leitura de outros trechos dos diários, nos quais várias questões foram apontadas e discutidos com os estudantes. Para finalizar o encontro foi solicitado que os estudantes fizessem uma avaliação da experiência de produzirem os diários. Os relatos foram registrados abaixo.

Pedro:

Eu achei a experiência do diário muito boa, a gente reflete, eu notei muita coisa de diferente, eu percebi as coisas algumas coisas que eu tenho dificuldade, e algumas coisas que eu tenho com os professores, que eu não conseguia perceber no dia a dia porque estamos ocupados com os outros afazeres.

Luíza:

No começo tivemos dificuldade e não conseguimos escrever muito porque era algo novo para nós e não sabíamos muito como fazer, e tem muita gente que é tímida e pelo diário consegue dialogar melhor pelo diário, escrevendo, quando a gente foi criando uma rotina pra produzir o diário a gente foi ficando mais atento. Ao escrever no diário passei a se recordar mais do que o professor falava e lembrar o que prestei mais atenção, ao que o professor falava ao que as pessoas fizeram, eu fiquei mais observadora a aula, me ajudou a prestar mais atenção.

Isabela:

Eu acho que o diário é uma experiência boa para o diário e para o leitor também, e para o professor. Não temos muita motivação para ficar lembrando as coisas que aconteceram. Achei muito bom o diário porque a gente pode contar a nossa opinião, na hora aula a gente não tem como falar a nossa opinião, no diário a gente pode colocar questões pessoais ou também se não concorda com a opinião de uma pessoa. Também podemos pensar, por exemplo, por que os alunos estão com tanta dificuldade em inglês; porque será isso? tem que ter um motivo. Coloquei que poderia se pensar nas situações a partir da escrita deles, que pode ser um problema para vários.

Camila:

Eu achei que o diário me ajudou porque as vezes na aula a gente nem presta atenção e querendo ou não com o diário acho que todos nós fizemos isso, porque era um jeito de colocar no diário depois. Achei que até o ensinamento melhora porque você presta mais atenção.

Maria:

Eu gostei porque eu pude falar mais sobre o que eu achava porque com os professores a gente fala, mas não muda nada, e eu comecei a prestar mais atenção nas aulas.

Júlia:

Gostei da experiência porque no início achava que precisava escrever de maneira bem formal porque você iria ler, mas com o tempo fui me expressando melhor, no começo eu estava insegura de escrever certas coisas mas depois fui me soltando e eu achei legal porque no diário a gente pode expressar coisas que talvez não teríamos coragem de chegar na coordenação e falar, ou para o professor, e a gente pode fazer mais observações na aula, tipo o meio de comunicação que você tem com o professor, então tipo muita coisa me ajudou em agregar certas coisas até dentro da sala.

Gabriela:

Eu achei a experiência do diário muito boa, porque eu tenho a memória muito ruim, e as vezes eu ficava voando na aula, e quando eu lembrava do diário eu ficava mais ligada. Eu já tive muitos diários, mas eu nunca fazia muito, e nesse caso eu lembrava: Nossa tenho que mandar o diário, aí eu forçava a memória para lembrar. Quando eu comecei a fazer eles estavam bem pequeninhos, mas depois eu fui aumentando, porque eu ficava muito tempo assim: Nossa ela vai ler, aí eu comecei a me soltar mais, pensei: ah é meu mesmo, ela sabe que sou eu e me ajudou a bastante a me ligar nas aulas, a memória.

Por meio de seus relatos os estudantes demonstraram o quanto a prática dos diários contribuiu para seus processos reflexivos e conseqüentemente para sua implicação no ambiente escolar. Incumbidos de sua produção os estudantes se tornaram mais atentos a sua rotina escolar, buscando uma posição ativa no sentido de se observar a aula e poder elaborar a respeito dela. Conforme citado pela aluna Luiza ela precisou “*recordar mais o que o professor falava*”. Nesse movimento os alunos demonstraram que passaram a pensar melhor sobre as situações das quais fazem parte, e conseqüentemente os obstáculos com os quais se deparam.

É importante ressaltar que a pesquisa envolveu de forma considerável os estudantes, sendo notável sua participação e seu empenho em sua realização. Diante dos contratempos que se colocavam durante sua realização, os estudantes estavam constantemente solicitando esses momentos de encontros, que se mostrou como um momento prazeroso para todos eles. A oportunidade de poderem se colocar, expressar suas opiniões, implica em uma educação que permita que a subjetividade do estudante seja reconhecida e reconhecida sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre aspectos subjetivos na escola constitui-se em uma espécie de desafio na medida em que representa uma prática pouco instituída na escolarização. Desde a elaboração de um planejamento até o sistema avaliativo nota-se na escola uma tendência a padronização em detrimento da individualização. Aqueles que acabam por não cumprir os objetivos estabelecidos, que não alcançam os parâmetros, avolumam o chamado fracasso escolar, gerando um questionamento ao aluno em sua capacidade e ao sistema de ensino como um todo.

A educação tem papel fundamental na constituição do sujeito e inserção na vida social. Para fazer cumprir sua função, ela precisa se valer de práticas que se sobrepõem ao individual, esse fator é estruturante na educação. No entanto, o sujeito não é apenas sujeito do conhecimento, e sua aprendizagem escolar não está condicionada somente a práticas de ensino eficazes.

Como não é possível dividir o sujeito, separá-lo, e tratar na escola somente a parte que tem que se apropriar do conhecimento, é importante que na escola esse sujeito seja considerado de forma integral e em sua individualidade. E para tanto, para que o sujeito possa ser visto em sua singularidade, é preciso oportunizar que ele se coloque, que tenha uma participação ativa, favorecendo espaços de escuta e momentos de diálogo de modo a privilegiar sua autonomia e também sua responsabilização sobre seu processo educacional.

O sujeito de toda forma traz consigo uma história particular, dessa forma não é possível desvencilhar esse princípio do estudante e a interferência de sua subjetividade na escola. A forma como se relaciona com o conhecimento, o processo de transferência advindo da relação professor-aluno, se definem pela trama particular da qual cada um é constituído. Assim, as queixas advindas da escola podem estar muitas vezes atreladas a esse impossível que é próprio da educação, inalcançável em alguma medida pois lida com sujeitos cuja marca é sua alteridade, portanto, esse sujeito não está determinado de antemão. Como coloca Voltolini (2011, p. 48):

O percurso desde o nascimento até a maturidade, objeto geral da preocupação educativa, será descrito pela Psicanálise como necessariamente tortuoso e aberto quanto a seu fim. O termo “destino”, preferido por Freud para marcar a característica do processo pulsional (...) demonstra bem essa concepção de uma história com o fim em aberto, sujeito a acidentes de percurso. Nenhum saber prévio, instintivo ou da ordem do conhecimento científico, pode garantir acesso a um ponto ideal (VOLTOLINI, 2011, p. 48).

Isso nos leva a ideia de que a escola, ainda que cumpra o seu papel no desenvolvimento dos indivíduos e para tanto precisa atender às demandas sociais vigentes, que acabam levando a princípios mais universalistas que, ainda assim, ela permita a entrada e reconheça a presença desse sujeito. E que reconheça sobretudo a presença desse mal-estar inerente à relação entre sujeito e civilização, que se presentifica também na escola. A

atividade de extensão proposta como produto educacional da pesquisa procurou trazer essa subjetividade para a cena educativa. A possibilidade de que o estudante possa se fazer autor de sua história como estudante, dizendo sobre si mesmo e sua trajetória escolar possibilita que possam reconhecer os entraves que encontram nesse ambiente e possam elaborar alternativas a partir deles. A produção dos diários pelos estudantes contribuiu para desenvolver neles uma atitude reflexiva perante a escola, o que se constitui uma prática pouco realizada. Ter uma postura reflexiva, bem como participar de momentos diálogos já se constitui em uma postura ativa por parte dos estudantes e que pode influenciar diretamente em sua relação com o ensino e aprendizagem. Nesse sentido a experiência foi positiva, repercutindo os relatos dos estudantes sobre a forma como se tornaram mais atentos e enxergando questões sobre as quais ainda não haviam se dado conta.

Caberá a escola propiciar esses momentos e caminhar na compreensão que de todo modo o sujeito que encontramos na escola não tem nada de determinado ainda que a Pedagogia nos fale sobre ele. Como sujeito único, não repetível, a forma de se relacionar com o ensino, e de como se apropria da aprendizagem está sempre em aberto, cabendo à escola levá-lo em conta nesse sentido.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/ Contra Capa, 2009.

ALBERTI, S. **O adolescente e o Outro**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

COUTINHO, L. G.; POLI, M. C. A adolescência nas ocupações de escolas: novos enlaçamentos no discurso? In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 279-302.

DUNKER, C. **Paixão da ignorância**: a escuta entre Psicanálise educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 04. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

FREUD, S. (1908). Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 09. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

FREUD, S. (1913). Algumas reflexões sobre a Psicologia Escolar. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 12. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

FREUD, S. (1914). A história do movimento psicanalítico. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

FREUD, S. (1925). Prefácio a juventude desorientada. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 19. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

FREUD, S. (1930[1929]). O mal-estar na cultura. Em: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1933[1932]). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Em: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FRÖLICH, C. B.; MOSCHEN, S. Z. Lições de pedra no sertão da linguagem: a contagem na formação continuada de professores. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 107-132.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Concepções orientadoras do trabalho pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia**. Goiânia- GO, junho 2022.

JERUSALINSKY, A. **A escolarização de crianças psicóticas**. 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/60720/6376>. Acesso em: 25 jun. 2022.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro: Psicanálise e educação**. 4 ed. São Paulo Escuta, 2013.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LO BLANCO, A. C. A Psicologia e Psicanálise no Brasil: ainda um lugar para o sujeito. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 29-44.

LONGO, L. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

PEREIRA, M. R. A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R.(org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 45-62.

PERRONE, C.; GURSKI, R. Do ensaio-flânerie à escuta-flânerie: contribuições ao campo das pesquisas em Psicanálise e (socio) educação. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 29-44.

SAVIANI, D. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 133-148.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

VOLTOLINI, R. **Psicanálise e formação de professores: antiformação docente**. . São Paulo: Zagodoni, 2018.

ANEXOS

ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DOS DIÁRIOS DE BORDO QUE FORAM PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES E ENVIADOS VIA WHATSAPP.

Ana Paula

Não realizou a atividade, disse que em função de questões pessoais não iria continuar participando da pesquisa.

Gabriela

22/02/2022

As aulas foram inglês, matemática e educação física. O desenvolvimento foi bom e aprendizagem. Nada relevante, dia normal com conversas contínuas e aulas realizadas normalmente.

23/ 02/ 2022

Aulas foram português (3 aulas), matemática e educação física. Desempenho foi bom, com interações de professor e aluno, etc. Apesar de ter esse diálogo de professor com os alunos, brincadeiras em geral e tudo mais, fica desordem e acaba irritando algumas pessoas, mas um tempo de silêncio e isso melhora. As aulas foram ótimas, mesmo que eu não tenha participado da última.

24/ 02/ 2022

Hoje as aulas foram ótimas. Na primeira aula foi de português e eu adoro as aulas da Rosana porque ela além de passar o conteúdo dela, brinca com a gente com ironias, piadas e tals. Na segunda aula foi matemática e eu também gosto muito da Kátia, apesar de hoje ela parecer que não estava com muita paciência e deu uma bronca na sala. A seguinte foi inglês, amo essa matéria e sinto que me dou muito bem com ela, mas confesso que nessa aula é a que mais converso. A aula de educação física foi boa, a professora nos passou futebol para alguns e vôlei, eu acho para outros. Consegui fazer um gol, mas após a aula estava completamente cansada. Na aula de arte foi divertido, tivemos um caça- palavras, não estava difícil, mas nos divertimos muito achando palavras “engraçadas”.

25/ 02/ 2022

Hoje a primeira aula foi de educação física, não estava programado então juntaram as duas turmas do sétimo ano e jogamos queimada. Não gosto muito desse jogo mas joguei e não fui atingida, foi divertido, depois da partida dividiram a quadra e tivemos a opção de jogar chute ao gol ou vôlei, eu fui no chute ao gol. Na aula seguinte foi inglês. A professora passou um exercício de recortar, colar e traduzir com quadrinhos legais em inglês. Consegui acertar todas as traduções que deram tempo de ser corrigidas de forma correta, me senti bem. Tivemos matemática no terceiro horário, a professora passou algumas páginas da apostila para fazermos e hoje explicou algumas, não consegui entender de primeira o assunto dos “números mistos”, não que agora eu tenha entendido completamente, mas vou praticar. Nesse último horário deveria ser de português, mas não deu e acabou sendo projeto de matemática (que por

sinal era pra ter sido a primeira aula). Realizamos uma atividade de localização na malha quadriculada” e foi bem fácil e legal de fazer. Hoje foi um dia muito bom.

07/ 03/ 2022

A aula de inglês foi boa, gosto muito dessa matéria, me dou bem com ela. A professora tem uma forma de ensino muito boa, gosto bastante das aulas, tanto pela forma de ensino e quanto pela matéria. Mas em toda aula de inglês acabo conversando demais, eu tô mudando isso, juro. Não participei das outras aulas, kkk, mas a de artes foi um término de um desenho da aula passada, confesso que estava animada pois gostei muito do rascunho, enfim. Na educação física foi apenas a entrega da nota de uma produção de textos sobre os exercícios físicos da aula passada. Tirei a nota máxima, não sei como, sei praticamente nada disso, mas conheço o básico. História, matéria que gosto também. O professor é bem legal com a gente e não passa muita tarefa, não por enquanto (e tomara que não passe mesmo). Eu só tenho um sério problema, não só nas aulas dele, de copiar devagar demais, mas tô tentando mudar também. A aula de português é sempre minha preferida. Eu amo demais o jeito que acontece a interação com aluno e professora e a forma que ela sabe nos fazer rir e aprender ao mesmo tempo. Ela nos ensina com uma certa ironia e brincadeiras orais.

09/ 03/ 2022

As aulas foram ótimas, apesar de ter sido somente quatro. A aula de português, nada de diferente, uma das melhores aulas que tenho e sempre me sinto perfeitamente bem. Nossas atividades foram na apostila, então é evidente que a professora já passe com resposta, e isso é ótimo. A aula de inglês foi bem inusitada, não estava no horário e fiquei nervosa por causa da tarefa que não tinha terminado, esquecer ela não esqueceu, mas ela não olhou e só passou a continuação, então foi nice. Eu gosto quando consigo traduzir sem dificuldades as frases em inglês. Matemática, matéria que tenho uma relação de amor e ódio. Mas não foi difícil, só não terminei de fazer. Foi do livro a atividade, acabei fazendo em dupla por estar sem o livro, foi muito boa a aula. Por causa minha e da outra representante, a aula não foi vaga, kkkk, estava sem aula por causa do discurso/ palestra sobre o dia da mulher para o nono ano. Confesso que eu iria deixar daquele jeito, mas a minha sala é extremamente barulhenta e não deu. Sinto dó é dos professores de ter que entrar na minha sala. Hoje o dia foi bom, gosto quando me sinto assim na escola.

21/ 03/ 2022

As aulas foram boas, tivemos só quatro aulas, por conta da greve. Nós agora temos ciências, matéria que estava faltando. É muito bom essas aulas, gosto muito. Na aula de matemática foi projeto, eu adoro o jeito que as aulas são realizadas, a professora dá a aula de uma forma confortante e engraçada. Não sou boa em matemática, e a professora explica quantas vezes for necessário, para compreender, isso só melhor tudo. História é outra matéria que eu gosto, o professor é ótimo na explicação e consigo entender boa parte. Na educação física tivemos queimada, não gosto muito desse jogo, medo de levar outra bolada, mas no final perdemos. No final ficou 1x1 e não deu. Me senti bem hoje, nem um pouco nervosa ou ansiosa. A escola é um lugar que me deixa bem.

23 03/ 2022

Hoje as aulas foram boas. Temos professora de geografia agora e fiquei feliz com isso. Na educação física não pudemos ir para a quadra por conta de comportamento, então estivemos em sala. Foi legal, a professora passou texto ditado. História só foi terminar a atividade da aula passada e visto, e nada demais. Matemática foi pergunta e resposta de fração, não entendo fração, mas tento. Professora está me devendo alguns vistos kk. A aula de geografia foi legal, só tenho dó da professora. Hoje foi só o primeiro dia, coitada. A professora queria passar resumo de uma coisa que não vimos, mas ela explicou tudo. Ciências não teve nada demais, mas foi boa.

Maria

21/ 02/ 2022

Olá eu sou a Maria e vim falar sobre o meu dia na escola. Hoje foi bom, gostei das atividades, dos professores. Foi bem legal no recreio também, mas acho que podia acrescentar algumas coisas no recreio como: aumentar um pouco o recreio, colocar música. Eu acho também que na escola poderia ter uma sala de jogos digitais como a biblioteca, aí no recreio podemos pegar um jogo. Fica uma pessoa responsável pelos jogos e anota o nome de cada pessoa e no final do recreio a pessoa devolve.

22/ 02/ 2022

Oi, hoje foi bom na escola porque teve educação física e eu e meu grupo praticamos o trabalho de dança que o professor passou. Teve também matemática que eu gosto, mas hoje eu tive um pouco de dificuldade com expressão numérica, mas a professora sabe explicar bem. Teve também arte, que eu amo, foi bem legal o desafio que a professora mandou: ela mandou fazer um caranguejo só de triângulo. E também teve inglês que a matéria que tenho dificuldade porque não consigo entender nada. Mas as professoras se esforçam.

23/ 02/ 2022

Oi, hoje eu amei o dia na escola, teve na primeira aula educação física que eu ensaiei dança com as minhas amigas e foi bem legal. Na segunda aula teve projeto de leitura com a melhor professora que existe. Na terceira aula teve inglês com a professora bem legal também, tive um pouco de dificuldade para traduzir o texto mas tirando isso foi bom. Na quarta aula teve português, foi bem legal porque foi na apostila, eu não gosto muito de escrever, a única coisa ruim foi que minha turma não tem livro e as vezes o professor passa alguma atividade mas não tem livro. E por último teve matemática que tive um pouco de dificuldade com descobrindo relações.

31/ 03/ 2022

Oi Boa noite, hoje foram 4 aulas com os professores de ciências, geografia, matemática e história mas era para ter cinco pois a professora de educação física está doente. Mas hoje na minha sala aconteceu algo muito ruim, um menino foi roubado, alguém antes da aula começar pegou a mochila dele, e dentro dela tinha 20 reais e pegaram também mas a diretora foi a sala e resolveu. Hoje eles deu o kit de material bem legal com muitas coisas eu gostei bastante, mas eu acho que tinha que ter dado esse material no começo do ano.

Pedro

23/ 02/ 2022

Hoje eu acordei 5:40.pra ir para escola aí eu comecei a me arrumar aí eu saí de casa 6:30 fui com minha amiga pra aula cheguei falei com os amigos aí dps começou a aula a primeira aula foi de leitura e interpretação de texto com o professor Luiz eu acho que assim o nome dele a aula foi muito boa ele corrigiu a tarefa da semana passada aí dps a segunda aula foi história com o professor Gustavo ele e muito bom acho ele um professor muito inteligente e ele explica muito bem a matéria eu gostei a terceira aula foi de português com a professora Marta ela corrigiu as tarefas de casa de ontem a foi até bom a aula aí dps veio o recreio que foi muito bom msm fiquei com a Geovana uma pessoa que eu gosto muito aí depois do recreio vei a professora de educação física que eu não me lembro o nome dela muito bem mas aula foi na sala aí eu me dispercei um pouco na aula tirando isso foi bom a autima aula foi de inglês com a professora Ester que também foi muito boa agente corrigiu tarefa passada aí 11:25 eu sair da escola eu fui comer pra ir trabalhar.

03/ 03/ 2022

Hoje eu comecei o dia acordando bem cedo hoje pq tive que fazer minhas coisas pra não atrasar cheguei na escola já era 6:40 aí fui fala com o meus amigos aí a primeira aula foi de matemática com a professora Nathalia ela fez a revisão da prova que será dia 15 de março aí a segunda aula foi de educação física a professora mando agente fazer uma produção de texto sobre o quando o exercício faz bem para a saúde aí agente foi para terceira aula que foi de artes aí agente fez um desenho bem legal ai teve o recreio aí eu fiquei com os meus amigos e foi bem legal ai a quarta aula foi do Luiz acho que e assim o nome dele e foi legal ele perguntou oq era um poema pra todos os alunos aí depois ele passou um texte esplico e passou as perguntas e aí não deu tempo de responder em tão fico pra casa a quinta aula foi de projeto de matemática com a Kátia aí ela conversou com agente sobre egieni pq alguém souto um pum na sla aí fico um cheiro muito desagradável aí dpss ela passo umas continhas e todo fez ela corrigiu aí dpss toco o sinal aí eu fui pra casa pra comer e trabalhar.

07/ 03/ 2022

Eu acordei 5:40 vestir roupa sair 6:40 pra aula cheguei falei com os meus amigos. A primeira aula foi de história com o Gustavo foi muito bom pq ele explicou muita coisa sobre oq iai cair na briva eu achei muito muito bom a aula dele aí dps agente foi fazer pesquisa com a Janaína isso é muito bom fazer a pesquisa com a Janaína é muito legal. Ai dps foi o recreio aí eu fui escutar música aí dps foi a aula com a Janaína sobre o dia das mulheres e foi maravilhoso foi muito bom msm aí dpss a última aula foi com a Marta aí ela deu uma tarefa que valia nota aí dpss eu fui em bora.

14/ 03/ 2022

Eu acordei 6:21 bem atrasado para ir pra a escola então só coloquei a rolpa e fui cheguei 6:46 foi fala com os meu amigos aí dps toco a sinal aí eu fui pra Sala a primeira foi de história e foi muito bom explicou Van Gogh eu achei maravilhoso pq eu amo as frases dele e dps foi inglês aí eu não gosto muito mas eu fiz as tarefas que tinha para fazer e ela não me deu o meu visto aí dps foi matemática com a Kátia eu gosto das aulas da Kátia ela e muito gente boa sabe ela conversou com a gente e tudo mais sabe e foi muito boa a aula dela aí dps foi português a

com a Marta que ela fez o de sempre que e corrigir a as tarefas e passar mais pra casa a foi normal msm coisa aí dps da aula já fui comer pra trabalhar a foi isso.

Camila

22/ 02/ 2022

Hoje eu cheguei na escola por volta de 6 54 e depois fui pra sala de aula e tive aula de matemática estudamos expressão numéricas eu achei um pouco complicado mais logo depois eu entendi e consegui fazer algumas, a segunda aula foi matemática novamente e estudamos representação de proporcionalidade entre duas grandezas, a terceira foi artes e tivemos que fazer imagens com formatos de triângulo eu achei complicado mais depois consegui daí nois foi lanche e logo depois foi recreio que eu conversei e fiquei com as amigas , a quarta aula foi educação física e estávamos ensaiando pois é um trabalho que o professor pediu,e a quinta aula foi inglês agente fez um texto em ingles e tinha que traduzir eu achei bem complicado e não consegui entender muito mais pedi ajuda e deu certo mais inglês não é minha laia e foi isso meu dia na escola

23/ 02/ 2022

Hoje eu cheguei na escola entrei na sala e minha primeira aula foi educação física e ensaiamos a coreografia eu senti um pouco de vergonha por esta dançando e inseguranças mais depois passou a segunda aula foi de projetos de português estudamos sobre diário íntimo interpretação, eu adorei achei uma atividade bem fácil eu amei a aula pois a professora Rosana e a minha professora preferida pois ela sabe interagir e conversar,a terceira foi inglês eu fiquei bem desanimada pois não gosto de inglês não consigo aprender ela corrigiu as tarefas depois lançamos as 9:05 e 9:30 fomos para o recreio ,a quarta foi portugues estamos estudando sobre o comportamento dos adolescentes achei a aula incrível fácil o professor interagil bastante,e a quinta foi matemática que no começo achei bem complicado pois não estava entendendo muito mais logo consegui

24/ 02/ 2022

Meu dia na escola hj foi bem agitado eu cheguei a minha primeira aula foi inglês agente traduziu um texto eu acho a matéria inglês complicada não consigo me da bem com essa matéria,segunda aula foi projetos de português fizemos um reconto do principe sapo eu fiz um reconto com o nome a princesa sapa eu achei muito interessante eu gostei pois foi uma coisa fácil e eu consegui aprender, a minha terceira foi portugues agente lanchou depois fomos para o recreio daí conversamos com o professor sobre histórias de terror q passamos e depois ele corrigiu a nossas tarefas eu adorei poder comentar algumas histórias interagir ali naquele momento me senti confortável , a quarta aula foi matemática agente conversamos sobre o mesmo assunto de ontem a professora ensinou de outra forma eu achei um pouco difícil pois eu preferi da primeira vez pois achei mais fácil , a última aula foi educação física ensaiamos aula de dança e amanhã já vamos ensaiar fiquei bem contente pois ficamos sincronizadas e vamos conseguir entregar um trabalho bom depois conversamos um pouco e foi embora foi isso meu dia! 😊

25/ 02/ 2022

Oiii hoje cheguei na escola bem animada mesmo sendo sexta a nossa primeira aula foi inglês e eu acho inglês muito complicado tenho muita dificuldade, a segunda aula foi português o professor contou quantos vistos pra média de nota eu fiquei muito feliz pois tenho todos os vistos dele depois agente foi pegar emprestado o livro de português em outra sala pra gente copiar algumas questões eu achei a aula incrível eu aprendi o conteúdo, a terceira foi artes a professora passou uma figura de formas abstratas eu comecei a pintar mais logo fomos lanchar depois continuei a pintar e fomos para o recreio eu achei a aula animada interativa e bastante comunicativa adorei, e a quarta foi história falamos sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia eu achei muito bom o professor falar desse assunto eu estou com medo dessa guerra mais entrego minha vida nas mãos de Deus e depois fomos embora esse foi o meu dia! 🍪😊

08/ 03/ 2022

Ontem o meu dia de escola foi ótimo eu cheguei e minha primeira aula foi matemática fizemos correção e depois conversamos sobre o que achamos eu achei um pouco complicado fiquei com dificuldade de entender mais depois tudo certo a segunda aula foi edição física só que a coordenadora Janaina nos chamou para uma reunião das pesquisas eu achei um máximo pois ali tive liberdade de falar minhas opiniões e poder me expressar sem vergonha tive bastante intimidade aí logo acabou a segunda aula e ficamos até a terceira aula conversando sobre a pesquisa daí lanchamos e fomos pra sala e esperamos o recreio daí depois do recreio foi a quarta aula que foi artes agente teve que desenhar um gato do nosso jeito não desenho muito bem mais consegui entregar um trabalho muito bom era um gato quase todo quadrado com um monte de pintinhas por isso dei o nome de catapora kkk e a quinta e última aula foi história e o professor escrevi bastante coisa no quadro pra explicar só que como ele passou muita coisa no quadro não deu tempo dele explicar então copiamos e fomos embora foi isso meu dia na escola até amanhã 😊

Júlia

23/ 02/ 2022

Hoje pela manhã, cheguei na escola às 7:03 começando o dia com aula de Português, professor Luiz. Nós fomos terminar a tarefa da aula passada, que era sobre um Texto, que falava sobre a vida de uma pessoa solitária...Gostei bastante da aula, pois discutimos vários pontos sobre o texto, quais acho que várias pessoas possam ter se identificado. Nos interagimos muito na aula, acho isso muito bom. No segundo horário, foi aula de História, o qual o professor fez certas recordações conosco, sobre a Revolução Industrial e o Iluminismo, confesso que estava bem perdida na aula dele, pelo fato que no ano passado, estudamos bem pouco esses assuntos. Mas, sei que com o tempo vou pegando melhor. Minha matéria favorita é história, então digamos, que não acho chato as aulas, gosto muito, acho super interessante estudar o antepassado, e saber o porquê disso tudo agora no presente. Logo em seguida, tivemos aula de Ed.física, infelizmente foi teórica. Todo mundo queria ir para a quadra, porque andamos pegando alguns passos de dança, começamos com Dança de Salão. Dizendo a Professora, iremos aprender vários Ritmos de Dança, eu até achei uma ideia legal, porque dançar é muito divertido. Bom, pois hoje, fizemos um texto, que ela foi ditando para nós, sobre a dança de salão Latina e clássica. Achei interessante, que tinha vários estilos, que eu nunca tinha ouvido falar antes, como o Chá Chá- Chá kkk, que é um ritmo muito comum na América Latina. Depois que

terminamos o texto, ela mostrou alguns passos e falou sobre eles, todo mundo gostou bastante, pelo fato de ser tipo " algo novo", porque nunca tínhamos ouvido falar antes. Após a aula de Ed.física, tivemos aula novamente de Português, com a professora Marta. Na aula dela corrigimos uma tarefa de casa que ela tinha passado. Depois, ela nos explicou o que é preposição e comentamos sobre. Às 9:30 tivemos o nosso recreio, bebi água e fiquei sentada perto da secretaria, lendo uma história em quadrinhos, também conversei um pouco com algumas pessoas. Depois voltamos pra sala, no qual aonde quase perdi a cabeça, com os meninos que não paravam de conversa e ficar na porta...mesmo falando pra eles tentar ajudar né, porque depois iríamos receber reclamação. Para concluir, o último horário foi inglês. Chegando a professora na sala, ela pediu para nós abrirmos o caderno, que ela passaria dando visto, na tarefa dela, daí o meu coração gelou, que eu tinha esquecido de terminá-la. Pois, primeiro ela fez a correção, e disse que quem não tinha terminado era pra concluir, que ela daria o visto logo após. Digo que isso foi Deus kk. Bom, terminamos a correção, ela falou sobre a tradução das palavras. Logo em seguida ela passou uma explicação bem rápida no quadro, porque faltava pouco tempo para bater o sinal. Já depois guardamos o material, e ficamos esperando o sinal. Enquanto isso, eu estava pensando sobre o visto que ela nem deu, acho que ela esqueceu, aliás. Bateu o sinal, e fui conversando com ela, sobre a matéria nova que ela passou, já depois fui beber água, e esperar a minha mãe. Pois, por volta de umas 11:35, fui embora, graças a Deus, porque estava cansada, e eu tinha muita coisa para fazer hoje. Enfim, assim foram as minhas aulas, gostei bastante, mesmo a aula de Ed.física sendo teórica kk.

24/ 02/ 2022

Bom, na quinta-feira, a primeira aula foi do Projeto de Português, com o professor Luiz. Ele fez um teste surpresa com a gente, sobre o texto da aula passada, e sobre algumas questões que nós tínhamos feito. Bom, daí todo mundo ficou bem nervoso né, porque ninguém esperava por isso...ele foi chamando cada um, pela lista de chamada. O teste ele era oralmente, o professor pegou o meu caderno, e fez as perguntas que estavam lá...que nós copiamos do quadro. Daí ele separou uma mesa, lá na frente, perto da mesa dele, e cada um, sentava e ele fazia a certa pergunta...Confesso que eu estava bem ansiosa. Quando chegou a minha vez, ele fez uma pergunta que não estava no caderno kk, quis fazer uma diferente....mas, mesmo assim consegui responder e acertar. Já no segundo horário, foi aula de Ed.física, nós copiamos outro texto, que ela passou ditando. Conversamos sobre, e ela ressaltou sobre certas coisas, sobre a dança de salão. Logo depois tivemos aula com a professora Marta, que da aula de Português...fizemos correção da Apostila, pois, ela tinha passado 3 páginas para fazer. Comentamos também sobre o assunto, e sobre os Verbos Transitivos, que muita gente estava em dúvida. Após a aula de Português, tivemos de Artes, corrigimos também uma tarefa, que a professora tinha passado da 1 a 20 kk, muita coisa não é? Certas pessoas tiveram que terminar, pois não tinham respondido tudo...e o texto estava com a professora, porque não poderíamos levar para casa. O texto retratava sobre o Teatro, de sua origem, da sua evolução, e sobre os seus significados. Pois, depois que eles terminaram, nós corrigimos a tarefa. Na última aula, foi do Projeto de Matemática, com a professora Kátia. Bom, ela já chegou detro da sala, passando um monte de exercícios. E bom, quase ninguém sabia responder, porque era algo, que nem tínhamos entrado direito, (na matéria), daí todo mundo ficou meio perdido. Mencionamos a ela, que a gente não sabia muito, sobre a matéria. Acabou que ela fez os exercícios conosco, e explicou também. Sobrou uns 5 minutos para bater o sinal, daí nós ficamos conversando um pouco. Enfim, e deu a hora de ir embora. Foi isso minha quinta-feira na escola!!

02/ 03/ 2022

Na sexta-feira, o primeiro horário foi de inglês, estudamos sobre alguns tipos de abreviações, especificamente, a que usamos diariamente. Eu achei muito legal a aula, porque tinha certas abreviações, que eu já tinha visto antes, mas, não sabia o significado real. Pois, todo mundo discutiu sobre o assunto. E entramos também pra falar, sobre o Inglês britânico e o americano, a professora, deu vários exemplos das diferenças dos dois. Achei bastante interessante a aula. Já depois tivemos aula de Ed.física. A professora nos levou para quadra, e fez duas rodadas de queimada. Fui reserva só na primeira rodada kk. Meu time ganhou as duas, (2x0) , jogamos muito. No final da segunda queda, eu tava com muito medo de perder kk, pois o pessoal estava me marcando, sendo que tinha só eu e o Luis, o resto do pessoal já tinha sido queimado. Enfim, gostei muito da aula, e quero ter mais queimada, nas outras. Na terceira aula, o coordenador , pediu para a minha sala, junto com o 9º B, nos reunir no pátio. Eles nos deu um aulão, de História com o professor Gustavo, e Geografia que no caso, ele que falou sobre. No Aulão eles falaram sobre a guerra que está acontecendo, entre a Rússia e a Ucrânia, explicaram o por que disso tudo, falaram sobre relatos de algumas pessoas, que já participaram de guerra e etc...Eu achei super interessante essa aula, pelo fato, que tinha muitas coisas que eu não sabia. Como já disse história e a minha matéria favorita, então, pra mim, eu acho mais interessante ainda, quando e de um assunto que eu gosto. A última aula foi de Artes, só que nela eu tava passando muito mal, sentindo dor de cabeça, e estava tendo tremedeira...como já estava no último horário, falei que não necessita, eu ir embora. Daí a professora, mandou eu sentar lá fora, até o sinal bater. Enfim essa foi a minha rotina de quinta, gostei de todas as aulas, principalmente a do Aulão...fico feliz que a escola tenha reunido todo mundo para falar sobre isso, eu não esperaria que seria para isso, o motivo da reunião. Mas, gostei bastante, esse ano está sendo incrível na escola!!

22/ 03/ 2022

Bom, minha sexta-feira começou com a Aula de Ciências, era professora nova, ninguém tinha pegado aula com ela antes...falamos sobre a dengue, sobre o seu desenvolvimento, o que podemos fazer para evitar que esse contágio se espalhe mais, meios de cuidados e etc. Todo mundo gostou da aula, pois o desenvolvimento foi muito bom. Já a segunda aula foi Ed.física, a professora fez queimada mista, daí sobrou 10 minutinhos, para bater o sinal...aí fomos jogar futebol, bem rapidinho, porém ficou empatado kk. Digo que foi ótimo, eu jogar novamente, pois fazia um certo tempo que não jogava, no começo quando me chamaram eu não queria, digo que por medo de não saber jogar direito, tava meio sedentária kk, mais foi indo e foi tranquilo. Na terceira aula foi de Geografia, também era professora nova, digo que gostei da aula dela, foi bastante interessante...falamos sobre a diferença entre o Socialismo e o Capitalismo, e sobre a guerra da Rússia...todo mundo gostou muito da aula dela, e eu particularmente falo que também gostei. A quarta aula foi de História, professor passou algumas questões no quadro, da 1 a 10, em média...fiquei em dúvida em várias questões, pelo fato que eu tava sem o texto pra responder. A tarefa tava valendo nota, então né, imagina o desespero kk, de não saber como responder...graçasss a Deus, que bateu o sinal e ele deixou terminar em casa, pra ele dar nota na próxima ela...sinceramente aquela pressão toda foi embora kk. A última aula foi matemática, com a Professora Natalia, ela passou um texto sobre potenciação, e nos explicou sobre algumas coisas sobre...daí bateu o sinal, e foi isso!!

Isabela

22/ 02/ 2022

Hoje tiveram cinco aulas sendo a primeira projetos de matemática a segunda matemática a terceira artes quarta educação física e quinta inglês. As duas primeiras aulas foram de matemática, as aulas ocorreram bem mas não concordo com a ordem das aulas pois são duas aulas de matemática o que torna as aulas mais cansativas para os alunos inclusive os que tem dificuldade por exemplo na expressão numérica mas fora isso as aulas em si ocorreram bem. Já a terceira e quarta aula foram mais criativas sendo elas arte e educação física, a aula de arte foi uma aula mais criativa nos alunos tínhamos que criar um desenho com triângulos e o objetivo era fazer essas figuras usando apenas treze triângulos. Já em educação física tínhamos uma coreografia envolvendo dança e ginástica para apresentar na semana seguinte. E como última aula sendo inglês um pouco mais fácil, trabalhamos com tradução de texto que falava sobre um menino que queria ser um famoso jogador de tênis e por fim ler todo o texto em inglês.

23/ 02/ 2022

Hoje tivemos cinco aulas como ontem sendo a primeira educação física a segunda português, a educação física a gente trabalhou com danças e coreografias, já em português trabalhamos com o tema diário o que ajudou bastante na concretização desse diário íntimo. Já na terceira tivemos inglês e trabalhamos com perguntas de um texto da aula passada sobre digital detox, foi uma aula bem tranquila pois são frases que nos alunos já estamos acostumados e que não são difíceis de traduzir. Como quarta aula tivemos português novamente mais trabalhando com interpretação de texto e conclusão das atividades. E por fim matemática trabalhando expressões algébricas com número x , na minha opinião são questões difíceis mas com um pouco de calma você consegue realizar.

Paula

O aluno entrou em contato, via whatsapp e informou que não poderia realizar a atividade pois o celular havia caído e quebrado. Foi informado sobre as outras opções para realizar a produção do diário, mas ainda assim não enviou.

João

O aluno informou que não continuaria participando da pesquisa, não informou o motivo.

Tatiane

A aluna não possui telefone celular, e não realizou a produção dos diários mesmo com a opção de fazer a entrega por outro meio.

Luíza

22/ 02/ 2022

Minha primeira aula hoje foi de educação física, a aula foi sobre dança de salão e eu particularmente amei essa aula. A segunda aula foi de inglês e foi tudo ótimo, trabalhamos com um música em inglês e foi muito legal. A terceira aula foi de matemática e foi tudo legal como sempre nada de diferente, tive um pouco de dificuldade mas depois eu entendi. A quarta aula foi de artes e eu amei tudo foi uma aula bem descontraída e divertida. A ultima aula foi de história e foi bem legal, foi bem comunicativa e teve uma ótima explicação sobre o conteúdo

23/ 02/ 2022

Hoje a primeira aula foi de português a professora passou uma "prova" surpresa. Para a sala,eu fiquei realmente surpresa mas fiquei tranquila pois consegui responder tudo e acho que fui bem. A segunda aula era para ser de matemática mas a professora faltou então foi aula de artes para substituir e foi super legal trabalhamos com textos e perguntas. A terceira aula foi de educação física mas foi uma aula teórica onde a professora passou um texto como continuação sobre dança de salão, e foi muito bom pois ajudará muito na prova,alem de ter sido uma aula legal e engraçada. A quarta aula foi de inglês e foi super legal também trabalhamos com um assunto bem legal. A ultima aula foi do professor Luiz a aula foi ótima,foi super participativa e muito engraçada como sempre

24/ 02/ 2022

A primeira aula foi de inglês,eu particularmente gostei da aula foi uma aula tranquila sem desavenças nem nada. A segunda aula foi de projeto de matemática porquê a professora Natalia faltou,a aula foi de vertida gostei muito e me senti bem a vontade. A terceira aula foi de educação física e foi bem agradável. Em legal e demos continuidade com o assunto de dança de salão. A quarta aula foi de projeto novamente com a professora Kátia ,foi super legal uma aula super interativa e eu me senti bem confortável foi ótimo. A última aula era para ser de português mais a professora não pode ir, então eu passei os exercícios e fizemos uma leitura coletiva.

25/ 02/ 2022

A primeira aula foi de história foi uma aula legal e bem participativa e com bastante diálogo. A segunda aula foi de ciências onde fizemos um trabalho em grupo conrra a dengue foi bem divertido e diferente. No terceiro horário tivemos uma palestra com o professor de história e de geografia e foi super interessante foi bem legal achei muito bom.O ultimo horário foi de projeto de português,o professor passou uma prova oral e corrigiu a atividade,foi muito boa a aula como sempre super legal.

APÊNDICE



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED**
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



UFG
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

JANAINA DE CARVALHO NETO

ESCOLA:

Um lugar para o sujeito

**GOIÂNIA
2023**

JANAINA DE CARVALHO NETO

ESCOLA :

Um lugar para o sujeito

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestra em Ensino na Educação Básica

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientadora: Professora Dra. Silvana Matias Freire.

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Carvalho Neto, Janaina de
Escola: um lugar para o sujeito [manuscrito] / Janaina de
Carvalho Neto. - 2023.
18 f.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Matias Freire.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa
de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia,
2023.
Bibliografia.

1. . I. Freire, Silvana Matias, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos três dias do mês de maio do ano 2023, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa da Dissertação** intitulada **A subjetividade dos estudantes e sua possível interferência no ambiente escolar: momentos de escuta**, e do Produto Educacional intitulado: **Escola: um lugar para o sujeito**, pela discente **Janaina de Carvalho Neto**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Silvana Matias Freire (CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Letícia de Souza Gonçalves (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Alexandra Almeida de Oliveira (FL/UFG) - membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Silvana Matias Freire, Professor do Magistério Superior**, em 08/05/2023, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Letícia De Souza Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 09/05/2023, às 19:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Almeida De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 11/05/2023, às 19:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3646722** e o código CRC **B67F8DF2**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Cursos de curta duração e atividades de extensão, como cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições diversas, olimpíadas, expedições, atividades de divulgação científica e outras;

Especificação: Projeto de extensão

DIVULGAÇÃO

- ☐ Filme
- ☐ Hipertexto
- ☐ Impresso
- ☒ Meio digital
- ☒ Meio Magnético
- ☐ Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Material para realização de atividade de extensão com estudantes acerca das subjetividades.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes da segunda etapa do Ensino Fundamental

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta

- ☐ **Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- ☒ **Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- ☐ **Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional

- ☐ Ensino
- ☐ Aprendizagem
- ☐ Econômico
- ☐ Saúde

☒ Social ☐ Ambiental ☐ Científico
O impacto do Produto Educacional é: ☐ Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo. ☒ Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.
O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)? ☒ Sim ☐ Não
Em caso afirmativo, descreva essa situação: O produto educacional foi vivenciado por 08 estudantes, do 7º ao 9º ano da segunda etapa do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Pedro Xavier Teixeira da Rede Municipal de Educação de Goiânia. A vivência teve duração de quatro meses.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido? ☒ Sim ☐ Não
A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é ☐ Local ☐ Regional ☒ Nacional ☐ Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui: ☐ Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável
--

nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

(X) Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

() Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

() Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

() Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

(X) Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

() Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

() Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

() Cooperação com outra instituição

() Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

() Licença Creative Commons

() Domínio de Internet

() Patente

() Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: _____

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

(X) Sim () Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

Seminário de Dissertações do PPGEEB/ 2022

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/722599>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

CARVALHO NETO, Janaina de. **Escola:** um lugar para o futuro. 2023. 18f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este produto educacional apresenta-se como um projeto de extensão que foi desenvolvido a partir da pesquisa intitulada *As subjetividades dos estudantes e suas implicações no ambiente escolar: momentos de escuta*, desenvolvida durante o Curso de Mestrado Profissional *Stricto Sensu* “Ensino na Educação Básica” do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Partindo da coleta de dados da pesquisa, o produto foi pensado com vistas a criar condições para que a expressão das subjetividades dos estudantes pudesse ganhar espaço na escola. Para tanto, a atividade de extensão propõe entrevista, uma produção de diário escolar por parte dos estudantes e momentos de escuta a partir das questões trazidas por eles. Pretende-se que, por meio dessa atividade, o estudante assuma um papel ativo em sua trajetória escolar, refletindo sobre a escola e sobre seu processo de aprendizagem, suas dificuldades e os entraves com os quais se depara em sua escolarização. Como consequência desse processo destaca-se o aperfeiçoamento da autonomia do estudante com consequentes avanços em seu percurso educacional. O referencial teórico do qual partiram a pesquisa e o produto educacional trata-se dos estudos realizados por Maria Cristina Kupfer (2013) que trazem uma intersecção entre a teoria psicanalítica e a educação, e que põe em evidência a presença do inconsciente para elucidar aspectos da cena educativa. Entendendo que o saber e a fala não são recursos exclusivos dos educadores, este produto educacional aponta alternativas viáveis para momentos de escuta dos estudantes e valorização dos seus dizeres como fundamentais ao processo de escolarização.

Palavras-Chave: Subjetividades. Educação. Escuta.

SUMÁRIO

1	Introdução	11
2	Organização da atividade de extensão.....	13
3	Considerações Finais	16
	Referências	17

1 Introdução

A instituição escolar, além de seu papel fundamental no ensino e na aprendizagem dos conteúdos curriculares e conhecimento científico, se empenha em preparar os estudantes para atender as diversas demandas sociais, como consta na Lei de Diretrizes e Bases, no art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideias da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996).

Para garantir seu papel como instituição formadora, a escola se vale de métodos e técnicas que passam por reformulações de tempos em tempos. Nessa esteira de transformações, currículos, metodologias e também os papéis de professores e alunos são com frequência reformulados. Todas essas inovações almejam que a escola cumpra sua função social, alcance melhores resultados e supere suas dificuldades, de modo a minimizar problemas como a evasão/o abandono escolar, falta de interesse nos estudos e entre outros que contribuem para o denominado fracasso escolar.

A escola é conhecedora da individualidade que cada estudante traz consigo, sob a máxima que “cada aluno aprende de forma diferente” a escola continua a traçar formas de atingir esse estudante de maneira a aprimorar seu ensino, prescrevendo medidas a serem seguidas pelos mestres a fim de garantir seu bom funcionamento. De uma forma ou de outra a presença do aluno na escola é lastreada por aquilo que a ciência institui a seu respeito. Nesse ponto, a psicanálise apresenta-se como uma matéria que pode apresentar contribuições ao campo da educação, uma vez que ela aborda o sujeito em sua singularidade, esse sujeito que mesmo reconhecido encontra-se excluído muitas vezes da escola. Como pontua Miranda (2020, p. 152) “a ciência aponta para os universais e para as generalizações, enquanto a psicanálise, ao se constituir a partir da ciência, apresenta-se essencialmente como uma “ciência do particular”, visto que ela se interessa pelo sujeito do inconsciente.”

A partir da Psicanálise, o sujeito passou a ser concebido de outra forma no que se refere a sua constituição. Freud (1900), ao descrever o inconsciente, trouxe a noção de que aquilo que rege o sujeito está para além do uso da razão e é determinante na forma como esse sujeito se expressa e se relaciona com o mundo. Esse sujeito do inconsciente é por vezes excluído da cena educativa, pois ele existe em sua singularidade, enquanto a escola tende a se interessar pela uniformização.

Com o olhar para as subjetividades e partindo das produções e momentos de escuta dos estudantes este produto educacional tem como objetivo contribuir com o desenvolvimento da

autonomia, favorecendo uma atitude reflexiva do estudante sobre si mesmo e sobre a escola, a fim de que a expressão desses sujeitos possa levar também a sua implicação e na responsabilização em sua trajetória educacional. Isso, através dessa interface entre psicanálise e educação, que se ocupa entre outras questões com o que denomina Pereira (2020):

[...] a oferta da palavra, da escuta e de outros tipos de intervenção que permitam a alunos, a professores e a outras pessoas do âmbito educativo terem a chance de elaborar subjetivamente seus obstáculos pedagógicos, de transmissão e de gestão do que Freud considera o “impossível de educar” (PEREIRA, 2020, p. 48, grifo nosso).

Partindo da noção de sujeito da linguagem, o que se pretende é incluir a escuta dos discentes na escola. A escuta como uma ética, mais do que um método a ser aplicado. E partindo dessa escuta permitir que esses sujeitos, que são sujeitos da singularidade possam se colocar, se fazendo também autores de sua trajetória educacional.

2 Organização da atividade de extensão

A construção deste produto educacional aconteceu durante a coleta de dados da pesquisa e segue a aplicação dos procedimentos metodológicos utilizados durante sua realização. A proposta é de que seja realizada como atividade de extensão, que possa ser aplicada tanto pelo corpo docente quanto pela coordenação ou direção. O intuito deste produto é de que os estudantes de forma individual e em pequenos grupos possam participar da escola como sujeitos ativos e autores de seu percurso escolar. A partir da escrita e também da conversação permitir a emergência de falas singulares que abram espaço para que os estudantes se coloquem como sujeitos da linguagem e que não sejam vistos apenas como o sujeito do conhecimento.

A atividade de extensão foi baseada em entrevistas, elaboração de diários por parte dos estudantes e momentos de encontros em grupo. A entrevista foi a parte inicial da atividade de extensão, através dela o estudante pode iniciar o exercício de expressar suas opiniões acerca do ambiente escolar, trazendo à tona assuntos que interferem tanto em seu processo de aprendizagem como na forma como esse sujeito se relaciona nesse ambiente. O levantamento dessas questões faz-se necessário pois se constituiu como um ponto de partida para o processo de pensamento, reflexão e discussão que o estudante vivenciará na atividade. Os estudantes se deparam na escola com inúmeras situações que, muitas vezes, por falta de oportunidades ou mesmo iniciativa, eles não verbalizam. A percepção e a vivência que os estudantes têm dessas situações se relacionam com a forma como eles se relacionam com a escola também. Durante a entrevista inicial, os estudantes foram convidados a trazer à tona essas questões, que seriam o foco de futuras conversas e discussões.

Esse momento da entrevista inicial foi realizado individualmente, pois o estudante ainda está se familiarizando com a atividade, e nesse momento é importante que ele possa se colocar de forma mais íntima, relatando pensamentos e sensações sobre o que será levantado.

Após a entrevista inicial, foi formado um grupo de *WhatsApp* com todos os estudantes participantes, a utilização dessa ferramenta, embora nem sempre acessível a todos, é fundamental não só pelo seu alcance como ferramenta tecnológica mas serve como um elemento tanto de envio dos diários quanto de aproximação, comunicação e orientação sobre os mesmos. No período de pandemia, a utilização dessa ferramenta possibilitou que, mesmo diante do quadro de distanciamento social, a escola estivesse um pouco mais próxima dos estudantes e das famílias. Essa proximidade permitiu a esta atividade que os estudantes e o mediador

possam interagir com maior facilidade e criar um ambiente propício para que as falas sejam colocadas.

Ao término da entrevista inicial, os estudantes iniciaram a produção de um diário sobre o dia a dia escolar. O diário foi produzido e enviado diariamente, após o fim do turno de aula do estudante e pode ser enviado por meio de *WhatsApp* a fim de facilitar sua realização bem como seu envio. No diário, o estudante tem a responsabilidade de relatar acontecimentos do dia a dia escolar, mencionando as aulas que foram ministradas e todos os fatos que consideraram relevantes em relação a elas, se durante as aulas ele sentiu alguma dificuldade específica ou mesmo aquelas que ele realizou com facilidade, imprimindo nesses relatos principalmente suas opiniões e sensações sobre esses momentos da rotina diária.

A escrita do diário abre a possibilidade de autoria por parte dos estudantes em relação a sua trajetória escolar, contando seu percurso e tendo a possibilidade de ampliar sua percepção sobre ele. Por estar submetido a normas escolares, o estudante acaba por não desenvolver esse olhar e atenção sobre si mesmo, sente dificuldades, mas quase sempre não reflete sobre essa dificuldade de modo a conseguir contorná-la. O exercício de produzir o diário após o turno da escola, exige que esse aluno recupere os acontecimentos passados e ao fazer o relato reflita de alguma maneira sobre ele. Escrever sobre as situações permite refletir sobre elas, o que se demanda autonomia por parte desses estudantes. À medida que os diários forem se tornando uma rotina, o estudante ao se ver diante de determinadas situações em sala já associa aquela situação como algo a ser mencionado. Essa prática torna a atuação dos estudantes mais atenta às situações cotidianas para posteriores relatos. Após o envio dos diários, a mediadora organizou os momentos de escuta dos estudantes. Esses momentos foram produzidos a partir dos relatos produzidos nos diários e se deram na forma de uma conversa coletiva, na qual os pequenos grupos estavam presentes: mediadora e estudantes. O intuito desse momento é a abertura para a circulação de discursos na escola. Metodologia que é corroborada por Kupfer (2013, p.137): “Quando há circulação de discursos, as pessoas podem se implicar em seu fazer, podem participar dele ativamente, podem se responsabilizar por aquilo que fazem e dizem. Mudam ativamente os discursos, assim como são por eles mudadas, de modo permanente”.

A produção dos diários subsidiou essa conversa, tendo como pontapé inicial a produção dos relatos realizados por eles. Nesse contexto, foram abertos momentos de discussão em que os estudantes pudessem dar sua opinião acerca daquilo que foi relatado.

A atividade de extensão foi dividida em três momentos: sendo o primeiro momento da entrevista inicial (realizado de forma individual), o segundo momento a produção dos diários e

por último, no terceiro momento, os encontros em grupo para realização dos momentos de conversação. Os dois últimos momentos podem ser realizados mais de uma vez, conforme a necessidade e disponibilidade do grupo. Abaixo a descrição de cada atividade e seu tempo de duração, dispostos no quadro 1:

Quadro 1 – Descrição das atividades e seu tempo de duração

1º momento: Entrevista inicial

Duração: uma hora.

Roteiro para entrevista

01. Nome:

02. Idade:

03. Série/ turma:

04. O que despertou seu interesse em participar dessa atividade? O que acha que terá de positivo ao final da mesma?

05. Você gosta de vir a escola? Como se sente no ambiente escolar?

06. Como se sente em relação aos colegas de sala?

07. Você gosta de estudar? Fale sobre isso. Realiza suas atividades? Em caso negativo, justifique.

08. É irrequieto na escola? Em que circunstâncias?

09. Quais são as principais dificuldades que você encontra na escola? Explique com detalhes.

10. E o que você mais gosta na escola? Justifique.

11. Quais as disciplinas pelas quais você mais se interessa? Justifique.

12. E quais aquelas que não gosta de estudar? Justifique.

13. Que estilo de aula desperta mais seu interesse? Por quê?

14. Você é participativo durante as aulas? Fale sobre isso.

2º momento: Produção dos diários

Duração: duas semanas

Atividade: produzir relatos diários da rotina escolar.

3º momento: Momentos de escuta

Duração: livre.

Atividade: momentos em grupo nos quais os estudantes e mediador(a) conversarão sobre as produções dos diários, favorecendo a fala dos estudantes sobre as questões levantadas.

Fonte: Acervo da pesquisa (2023).

3 Considerações Finais

O desenvolvimento dessa atividade de extensão teve como intuito valorizar as subjetividades dos estudantes, que de toda forma faz sua marca em seu processo de escolarização. Mesmo diante dos princípios universalistas que regem a educação é importante pensar em como garantir na escola um lugar para o sujeito, esse sujeito do inconsciente que escapa dos moldes indicados pela ciência.

O que Freud (1900) nos indicou quando descreveu o inconsciente é que cada indivíduo é constituído por uma trama particular, que é responsável por ditar os caminhos que esse sujeito percorrerá ao longo da vida. Dessa maneira, na escola, cada um encontrará sua forma particular de se relacionar também com o conhecimento. Como nos diz Kupfer (2013, p.128), “[...] a entrada em cena do sujeito, determinado por uma estória bastante particular, efeito de seu encontro com a linguagem, faz pensar na necessidade de nos debruçarmos sobre cada criança, na tentativa de acompanhar com ela seu modo peculiar de aprender ou de não aprender”. Nos “debruçar” sobre cada um envolve esse movimento que só pode se dar com a participação efetiva desse estudante e também do que ele pode dizer.

A escola como direcionadora do processo de ensino e de aprendizagem, detêm em geral a fala e o saber, porém, se pretende propiciar a emergência desse sujeito na escola precisará se valer também da arte da escuta. Sobre a escuta nos diz Dunker (2020, p. 66):

Escutar toma tempo. Tempo e generosidade com o outro, para dilucidar os mal-entendidos. Mas dilucidação não é apenas a redução do “ruído da comunicação” e

apuramento infinito das intenções ou do que “se quis dizer”, em geral por forçamento de um código cada vez mais opressivo de sentidos fixos e normativos. No limite é o próprio reconhecimento das limitações, da precariedade e da provisoriedade do que chamamos “nos entender”. Escutar é poder “não entender”, é poder respeitar o desentendido”, é fazer funcionar, na prática, a paixão da ignorância.

Ignorância que se trata, não da falta de instrução, mas como ponto de partida para o conhecimento do outro a partir do que ele pode dizer. É buscando se abrir a esse outro, os estudantes, e assumir sua perspectiva, que esse trabalho se propõe, e assim permitir que a escola possa se reposicionar em relação ao ensino e processo de aprendizagem dos estudantes.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

DUNKER, C. **Paixão da ignorância**: a escuta entre psicanálise educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. Em: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 04. Rio de Janeiro. Imago, 1990.

KUPFER, M. C. M. **Educação para o futuro**: psicanálise e educação. 4 ed. São Paulo Escuta, 2013.

MIRANDA, C. E. S. A Psicanálise aplicada à educação e a formação de professores: a conversação como método de pesquisa-intervenção. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 149-178.

PEREIRA, M. R. A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. In: VOLTOLINI, R. ; GURSKI, R. (org.). **Retratos da pesquisa em Psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020. p. 45-62.

APÊNDICE B– TCLE UTILIZADO NA PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE –

Pais/Responsáveis

Você na qualidade de responsável por, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário (a), da pesquisa intitulada *Aspectos subjetivos e suas implicações na aprendizagem escolar*. Meu nome é Janaina de Carvalho Neto sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Ensino na educação básica. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação do menor sob sua responsabilidade neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail janainacnbio@hotmail.com ou através de contato telefônico para o número (62) 984894355/ (62) 982232685, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. **O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.**

Informações importante sobre a pesquisa:

Em educação se faz muito presente a ideia do fracasso escolar, que pode ser compreendido como a consequência para o aluno da não apropriação do aprendizado de conteúdos escolares. O que culmina muitas vezes em baixas notas, reprovação e por fim abandono da escola. São muitas as queixas, por parte da escola, de educandos que apresentam dificuldades de aprendizagem e precisam ser encaminhados para atendimentos e um número

mais significativo ainda de estudantes que não se interessam e sentem-se desmotivados em relação aos estudos.

Reconhecendo que várias questões se entrelaçam nessa problemática, a existência dessa pesquisa justifica-se por buscar investigar os fatores que influenciam para o enquadramento desses sujeitos no chamado fracasso escolar.

Admitindo que o processo de aprendizagem é único e diferente em cada ser humano faz-se necessário que os sujeitos possam identificar e perceber os caminhos que são próprios a sua forma de aprender. Bem como a escola ouvir esses educandos em suas particularidades, contribuindo para que possam atingir suas possibilidades.

Assim, ao integrar essa pesquisa o educando(a) participará de encontros semanais, com duração de uma hora, num total de 12 encontros. Onde serão respondidos entrevistas, questionários e serão feitas discussões em grupo sobre o tema da pesquisa.

Os registros dessas entrevistas podem se dar de forma escrita, oral, visual ou em vídeo. O educando produzirá um trabalho de conclusão do projeto em colaboração com a pesquisadora, que irá compor um ebook ao final da pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa acerca das subjetividades dos indivíduos, pode ser que o educando(a) se sinta desconfortável em falar sobre algumas questões. Ele possui o direito de não realizar alguma atividade ou responder a determinadas questões. Caso o menor se sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma.

Como benefício da sua participação nessa pesquisa fica a possibilidade desse estudo contribuir para seu engajamento nas atividades escolares e melhoria de seu desempenho.

A participação na pesquisa será voluntária, portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação, caso haja despesas, você tem direito ao ressarcimento decorrente da mesma, inclusive transporte e alimentação, se for o caso.

Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei.

A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que rubrique no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

() Permito a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

Como a pesquisa trabalhará com questionários, entrevistas, fotos e vídeos é fundamental esclarecê-los sobre a necessidade de concessão do uso da voz, imagem ou opinião do menor sob sua responsabilidade, assinalando em uma das opções abaixo:

() Permito a utilização/divulgação da imagem/voz/opinião do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a utilização/divulgação da imagem/voz/opinião do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

Eu, abaixo assinado, autorizo, a participar do projeto intitulado “*Aspectos subjetivos e suas implicações na aprendizagem escolar*”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Janaina de Carvalho Neto sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA INICIAL



ENTREVISTA INICIAL

PRIMEIRA PARTE

01. Nome: _____

02. Data de Nascimento: _____

03. Idade: _____

04. Agrupamento: _____

05. Tempo do estudante na Instituição: _____

06. Escolas anteriores:

07. Com quem você mora?

() Pais.

() Avós.

() Outros. Quem? _____

08. Você exerce algum trabalho? Se sim, qual(ais)?

09. O que o despertou o seu interesse em participar da pesquisa?

10. O que você espera alcançar ao final desse projeto?

SEGUNDA PARTE

11. Você gosta de vir a escola? Como se sente no ambiente escolar?

12. Como você sente em relação aos colegas na sala?

13. Já repetiu a série alguma vez? Por quê?

14. Você gosta de estudar?

15. Possui o hábito de leitura?

16. Faz as atividades que os professores passam?

17. É irrequieto na escola? Em que circunstâncias?

18. Quais as principais dificuldades encontradas na escola?

19. O que mais gosta na escola?

20. Quais as disciplinas que você mais se interessa? E aquelas que você não gosta de estudar?
Justifique

21. Que estilo de aula desperta mais o seu interesse?

22. Você é participativo durante as aulas?
